

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

Sôbre o Pensamento — ANTÓNIO L. VILELA.

O Problema dos Sonhos — PEDRO CARDIA.

Experiências Metapsíquicas (APARIÇÃO DUMA RELIGIOSA) — V — D. MALENA FRONDONI LACOMBE.

Inquérito — IV — DEPOIMENTO DO PROF. ERNESTO BOZZANO.

Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA.

4.º Congresso Espírita Algarvio.

Noticiário.

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa.

Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58

LISBOA

PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Pedro Carreira Dias de Sousa*
António Castanheira de Moura

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. António J. Freire*
— António L. Vilela.

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni*
Lacombe — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora
Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes
Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela
Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro
N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de
Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José B. Pinto da Silva —
Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte
— Tenente Manuel Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - Rua General Roca, 21 - RIO DE JANEIRO

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

Sôbre o pensamento ⁽¹⁾

(ENSAIO)

«Celui qui connaît la loi des phénomènes n'a pas acquis seulement des connaissances, mais encore la puissance d'agir à l'occasion sur le cours de la nature elle-même et de la faire travailler à son profit. Il voit la marche future des phénomènes. Il possède, en réalité, les facultés qu'aux époques de superstitions on cherchait chez les mages ou les prophètes.»

HELMHOLTZ

Já passou a época em que o pensamento era considerado uma abstracção metafísica, uma faculdade misteriosa, cuja natureza, transcendental, seria eternamente inacessível ao nosso espírito, ou uma modificação cerebral que não ultrapassava os estreitos limites do nosso crâneo. Sabe-se hoje, porém, que êle é uma realidade objectiva que encerra dinanismos prodigiosos, tomando formas variadas e definidas e apresentando colorações e luminosidades características. Tanto os videntes naturais (clarividentes) como os indivíduos magnetizados conseguem ver essas formas etéreas, e, através da sua coloração e luminosidade, compreender o seu significado mais íntimo.

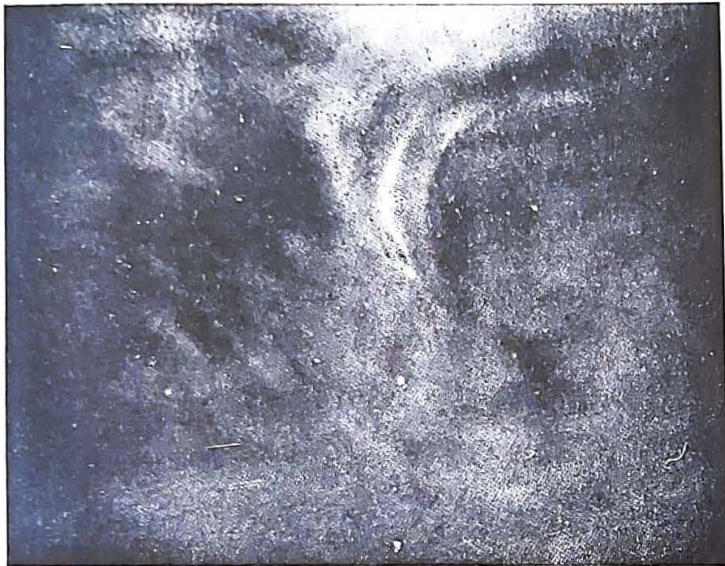
(1) Êste artigo, mais desenvolvido e complexo, constituía um capítulo de um trabalho sôbre «*Mecânica Transcendental*» que, por enquanto, apenas temos esboçado, pois seguimos uma orientação diferente da geralmente usada e aguardamos o resultado de experiências que mal iniciámos ainda. Os processos de investigação supranormal são extremamente delicados e assim, para combater as possibilidades de êrro, torna-se indispensável uma experiência prolongada e persistente, fazendo variar as condições de produção dos fenómenos e comparando os resultados, não esquecendo os mais insignificantes pormenores. Mas, além disso, para que um estudo desta natureza tenha alicerces firmes e seja completo, deve ser precedido de uma *Crítica do Conhecimento*, e de uma *Crítica da Matéria*. Assim, se esclarecem muitos pontos obscuros, integrando os fenómenos supranormais nas próprias conclusões da sciência moderna. E' esta, em resumo, a nossa orientação geral.

No vasto âmbito da mecânica transcendental, há porém um factor de capital importância: — é o pensamento. O seu estudo encontra-se sistematizado numa obra de Annie Besant e Leadbeater — *Les Formes-Pensées* — que é, sem favor, um belo livro. Entretanto, para nós, que divergimos fundamentalmente dos processos teosóficos de investigação, (que não podem ser facilmente verificados) e duvidamos mesmo do seu rigor scientifico, aquele trabalho apresenta-se com deficiências insuperáveis, parecendo-nos que a fantasia ultrapassou, em muito, a verdade positiva que todos os experimentadores conscienciosos teem o dever de procurar. Mas nem porisso deixamos de render louvores àquela obra que consegue exprimir, sinteticamente, com clareza e com brilho, o mecanismo e acção do pensamento, mantendo porém as nossas divergências quanto ao seu estudo analítico.

Em vista destas divergências e, em especial, por compreendermos as vantagens enormes de serem divulgados estes conhecimentos que tanta luz derramam na nossa vida, recorreremos hoje àquêle esboço, restringindo o assunto e simplificando a exposição, quanto possível, para que a sua influência pudesse ter maior amplitude.

As principais obras sôbre êste assunto, são: — *Les Formes Pensées* — Dr.^a Annie Besant et Leadbeater; *L'ame Humaine* — Dr. H. Baraduc; *Phénomènes Psychiques* — Dr. Paul Joire; *Le Pouvoir de la Pensée* — Dr.^a Annie Besant; *La Force Pensée* — G. A. Mann; etc.

Os médiuns auditivos (clariaudientes) interpretam-lhes as vibrações. Êle transmite-se a distâncias enormes, com velocidades vertiginosas, produzindo as manifestações telepáticas em que os fenómenos de teleaudição se associam, por vezes, a fenómenos de televisão. O pensamento é luz, é côr, é som, e todas estas manifestações são função do estado vibratório da matéria que lhes serve de *substratum*.



Projecção dum estado de alma atormentado

Iconografia obtida pelo Dr. Maurice Adam, tentando reproduzir as experiências do Dr. H. Baraduc, sem aparelho fotográfico, nem electricidade, à luz vermelha, com a mão sôbre a chapa, quando uma grande crise moral o havia atingido profundamente.

Pode dizer-se que estes estudos estão ainda no início, pouco se tendo avançado aiém do que era conhecido dos iniciados nos altos Mistérios dos santuários e a tradição esotérica trouxe até nós. No entanto, as notáveis descobertas que vão dos raios catódicos até à radio-actividade, fundamentando as novas concepções sôbre a natureza e estrutura da matéria e permitindo a conclusão de que todas as substâncias emitem radiações, rasgaram novos horizontes ao estudo do pensamento. As experiências ideoplásticas são bastante elucidativas.

O emprêgo da fotografia auxiliou poderosamente estes estudos, permitindo fixar mesmo, com segurança, o resultado de inúmeras experiências, facilitando a sua comparação e desfazendo o êrro daqueles que, atribuindo todos os fenómenos supranormais a alucinações, se julgam, por isso, dispensados de investigar a sua origem e natureza. Verificou-se, assim, duma maneira indiscutível, a correspondência perfeita que existe entre os diferentes estados de espírito (que determinam a produção de pensamentos de certa ordem) e os sinais que os representam.

De entre as várias tentativas de fotografia de pensamentos, e, de uma maneira geral, de radiações psíquicas, os resultados obtidos pelos eminentes experimentadores Dr. Baraduc ⁽¹⁾ e coronel Darget são particularmente no-

(1) Os trabalhos mais importantes do Dr. H. Baraduc versam sôbre *Biometria e Iconografia do invisível*.

O seu *biómetro* consta duma agulha suspensa por um fio de seda, colocada dentro duma caixa de vidro revestida de duas armaduras, sendo uma, adiabática, (adiatérmica) e outra, adiaelectricidade. Para fazer a armadura adiatérmica empregou uma solução concentrada de alumen, na qual embebeu um bocado de pano, que, depois de sêco, ficou com uma espessura de $\frac{1}{2}$ milímetro de alumen. A desagregação do alumen é impedida por meio dum revestimento de colódio. A armadura adiaelectricidade é constituída por mica.

Foi assim que Baraduc mediu, pelos desvios da agulha, que já não podiam ser atribuídos a influências térmicas ou eléctricas, a força vital. Para o mesmo fim há ainda outros instrumentos como o magnetómetro de Fortin e o neurodinamómetro de Planat.

Em Iconografia não procurava aquele ilustre experimentador a representação fotográfica de imagens visíveis, mas sim de radiações desconhecidas, reflexos de vibrações subtis, da nossa actividade psíquica, empregando, por vezes, o vento eléctrico positivo ou negativo, para reforçar o seu poder fotogénico.

Estas radiações psíquicas são função do estado de espírito que lhes dá origem e assim se diferenciam.

táveis e dêles apresentamos algumas gravuras. O estudo das radiações psíquicas tem sido feito ainda por outros processos, quer recorrendo às faculdades metagnômicas (E. Boirac), panestésicas (Wasielowski) ou criptestésicas (C. Richet) de certos indivíduos, para medir o seu poder penetrante, quer ainda produzindo modificações psíquicas sôbre um passivo (que se introduz numa câmara em perfeito isolamento electro-magnético) medindo e registando os resultados, fazendo mesmo variar os indivíduos sujeitos à experiência, como tem feito o Dr. Cazzamali, insigne professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Milão.

A mecânica do pensamento é complexa e grandiosa, embora, nas suas linhas gerais, seja fácil de compreender. O seu conhecimento é extraordinariamente fecundo e proveitoso para a evolução da humanidade porque contribui duma maneira eficaz para o aperfeiçoamento dos indivíduos ensinando-lhes as regras de higiene psíquica que a todos cumpre pôr em prática, ao menos no seu próprio interesse. Enquanto a higiene física contribui poderosamente para manter a saúde, a higiene psíquica é mais importante ainda, porque é o factor essencial da felicidade.

A-par-de processos de realização mental — o mentalismo é uma sciência muito vasta e complexa — que podem ser divulgados sem perigo, outros há que constituem segredos preciosos pelos perigos que apresentariam se fôsem conhecidos de quem pudesse fazer mau uso dêles, precipitando-se no abismo da goécia. « E' preciso medir a verdade pelas inteligências, velando-a aos fracos a quem ela enlouquecia, escondendo-a aos maus que fariam dela uma arma de destruição », dizia Hermes; e Jesus exprime a mesma idéa por outras palavras (S. Mateus, cap. VII-6; cap. XIII-11, 13).

A acção prodigiosa do pensamento revela-se facilmente nas experiências de sugestão em que êle exerce sôbre o passivo um domínio invencível. E se estes pensamentos teem a sua acção, também aqueles que estamos elaborando constantemente exercem a sua influênciã, maior ou menor, benéfica ou maléfica, conforme a intensidade e o sentido que lhes dermos, embora não haja deliberação consciente da vontade. Nem mesmo os pensamentos mais íntimos ficam localizados em nós, e êles são os espectros de remorsos que nos perseguem apontando os crimes, ou as imagens benditas que nos trazem consolações deliciosas como prémio do bem que espalhamos na vida.

Se não fôsse a inércia que se opõe a todo o movimento e a fôrça dos preconceitos que tanto tem embaraçado o progresso, levantando obstáculos à livre expansão das idéas e recebendo com anátemas todas as novas descobertas, decerto a mecânica psíquica seria melhor conhecida. Os fenómenos supranormais foram largo tempo desprezados e o seu estudo interdito pelos pontífices da sciência oficial — como se a ignorância pudesse fundamentar qualquer opinião sensata (1).

Desde as épocas mais remotas e entre todos os povos se realizam certas práticas mágicas de encantamento e de esconjuro, applicações rudimentares da mecânica psíquica. Em algumas tribus de selvagens, os feiticeiros, por um treino continuado de dinamização da vontade, conseguem resultados maravilhosos, ignorando contudo, inteiramente, o mecanismo dos fenómenos que produzem. E' uma espécie de instinto que os conduz.

Os orientais, em especial, que se dedicam activa e metòdicamente, a

(1) Há exemplos edificantes de misoneísmo. A teoria da circulação do sangue apresentada por Harvey foi repudiada por 3 Academias de médicos. O representante de Eddison que apresentou a descoberta do fonógrafo na Academia, foi chamado ventríloco e acusado de charlatanismo, e o próprio Lavoisier recusou aceitar a hipótese de que os meteoritos caíam do Céu, alegando que no Céu não havia pedras.

cultivar e fortalecer a vontade, imprimem aos seus pensamentos uma intensidade prodigiosa. E os resultados obtidos são tão extraordinários e evidentes que, em quasi todos os sistemas filosóficos e religiosos do oriente, a *Vontade* desempenha o papel principal. Schopenhauer, que foi beber à India a essência da sua filosofia, embora se tivesse transviado nas conclusões, revela aquela orientação, profunda e brilhantemente (*Le Monde comme Volonté et comme Representation* — trad. A. Burdeau).

* * *

A introdução necessária ao estudo do pensamento seria um tratado completo de psicologia, assente sobre bases bem diferentes daquelas em que se apoia a psicologia clássica. Aqui limitamo-nos apenas a umas breves considerações indispensáveis.

A distinção que a psicologia clássica estabelece entre a vida afectiva, intelectual e activa é perfeitamente arbitraria e artificial. Todas as classificações são sempre deficientes, mas a sua utilidade impõe-se como método de estudo. O que nunca pode impôr-se é uma classificação que não satisfaça os resultados da experiência.

Fundamentalmente, o processo de conhecimento consiste em duas operações: análise e síntese. A sensação é um processo de análise; a representação é um processo de síntese. Isto é, o fenómeno psíquico consta de duas partes: uma, sensitiva, com carácter analítico; e outra, representativa, com carácter sintético. Considerando o espírito como sendo a unidade consciente que nos individualiza, não poderíamos atribuir-lhe, logicamente, mais que uma faculdade, pois isso corresponderia a estabelecer diferenciações. O relâmpago e o trovão, são duas manifestações do mesmo fenómeno; assim também os sentimentos e as idéas são características essenciais inseparáveis. O pensamento não é apenas a representação na consciência de quaisquer impressões do mundo físico, mas também a intuição profunda dum mundo transcendente de sentimentos e de idéas. Leibniz compreendendo a insuficiência do aforismo sensualista: «*Nihil est in intellectu, quod non prius fuerit in sensu*» acrescentou-lhe o «*nisi ipse intellectus*».

A vontade é inseparável de qualquer manifestação da existência. Na vontade essencial do sêr, reside o princípio da sua individualidade. A vontade é a própria essência da vida, porque só ela permite a afirmação duma existência e garante o seu triunfo. O instinto de conservação e o de crescimento, manifestam-se imperiosamente em todos os sêres: — a vontade de manter e a vontade de aumentar. O desenvolvimento da vontade implica o alargamento de horizontes e de domínio do sêr. A vontade, limitando-se, produz a representação. Não há fenómenos que não sejam volitivos, o que não impede que a vontade que os produziu seja inconsciente. As forças da Natureza que se consideram brutas, são manifestações grandiosas de Vontades superiores, cujos limites não cabem dentro das nossas faculdades representativas. Porisso nos parecem inconscientes.

Orientada num determinado sentido, quando tem um objectivo definido, a vontade diz-se atenção. Todas as tendências, todas as inclinações, todos os hábitos, os desejos e as paixões, são vontades que se afirmam, mais ou menos obscuras, embora, mas sempre activas e fecundas. Se há vontades conscientes em que a razão intervem, há outras, inconscientes, guiadas pelo instinto. Para Leibniz, como para Schopenhauer, só existe aquilo que age.

Em toda a volição interveem sempre elementos intelectuais e affectivos, como proclamam os partidários da teoria intelectualista da vontade. Mas só este enunciado não basta, porque é impossível separar qualquer destes ele-

mentos, dando-lhes existência independente. A conclusão que se nos impõe é que, em qualquer fenómeno psicológico interveem sempre elementos affectivos, intellectuais e volitivos.

*

As experiências biométricas ⁽¹⁾ vieram demonstrar duma maneira indiscutível, a bipolaridade do corpo humano, pois, enquanto o lado direito exerce uma acção atractiva sobre a agulha do biómetro, o lado esquerdo exerce uma acção repulsiva. Esta bipolaridade fornece os polos da corrente vital que circula através do organismo. A relação entre os desvios que a agulha sofre em presença da mão direita e da mão esquerda, traduz a fórmula biométrica do indivíduo e define o seu estado de saúde. Apoiando-se em numerosas experiências, o Dr. Baraduc formulou assim a *1.ª lei vital*: — *A metade direita do corpo atrai a vida cósmica, enquanto a metade esquerda a repele.* A proporção normal é de 3 para 1, sendo porisso a assimilação do fluido vital, maior que a irradiação. Baraduc chama respiração fluídica a este fenómeno.



Projecção dum estado de alma atormentado

Iconografia obtida pelo Dr. M. Adam, sem luz, sem electricidade, sem aparelho fotografico, com a mão direita sobre a chapa, sob uma impressão de grande abatimento moral, de tristeza. E' interessante comparar esta fotografia com a anterior, porque traduzem estados de espirito semelhantes e teem, porisso, características análogas.

O fluido cósmico, *anima mundi*, manancial inesgotável de vitalidade, é o *akasa* dos hindús, o *aoz* dos hebreus, o *telesma* dos hermetistas, o *azoth* dos alquimistas. Este fluido universal é assimilado pelo *corpo etérico* que o decompõe, fornecendo ao organismo a vitalidade necessária e irradiando o resto. E' assim que se produz o fluido magnético que corresponde à *luz viva*

(1) O nosso grande poeta, Guerra Junqueiro, também se dedicou a estudos Biométricos. Eis como o Dr. Baraduc se refere a duas das suas experiências :

« O meu amigo e grande poeta português, Guerra Junqueiro, muito entusiasta nas questões relativas à Vida e à Alma, especialmente quando se apoiam em dados experimentais, quis, em Dezembro de 1895, fazer algumas experiências sobre a força vital com os aparelhos biométricos da minha instalação electroterápica.

1.ª Experiência — *Colocaram-se em presença de dois aparelhos biométricos, marcando cada um 15° S E, dois copos pequenos, com água ordinária. Um dos copos tinha sido apenas tocado pela mão, quando foi colocado em presença do aparelho. O outro tinha sido apenas influenciado pela mão direita colocada por cima da água, voluntariamente, pelo sr. Guerra Junqueiro cuja fórmula (biométrica) é expansiva : rep. 10/rep. 5.*

O copo de água não influenciado não fez mover a agulha ; o copo de água influenciado, vitalizado, repeliu a agulha de 3°.

1.º copo não influenciado..... 5 minutos..... 0.

2.º copo influenciado, vitalizado... 5 minutos, repele... 3°.

Esta experiência prova que uma pessoa muito expansiva pode vitalizar um copo de água que adquire, por consequência, as mesmas qualidades expansivas que lhe foram comunicadas pela experimentação.

2.ª Experiência — *Guerra Junqueiro, que canta a vida, o Ser, nos seus magníficos envolúes, não contente de observar no homem, quere ainda encontrá-la experimental-*

de Zoroastro, ao *enormon* de Hipócrates, à *luz espectral* de Passavant, à *luz astral* de Pascalis Martinez e Eliphaz Levi, à *fôrça psíquica* de William Crookes, à *fôrça nêurica* de Bartz, à *fôrça ódica* de Reichenbach.

Por meio de um esforço volitivo, rompe-se o equilíbrio biométrico normal e a corrente vital pode projectar-se em determinado sentido, tomando formas especiais conforme o estado vibratório da matéria que lhe serve de veículo. Assim êste fluido misterioso torna-se uma fôrça prodigiosa que a vontade acciona e orienta, tanto no domínio luminoso da teurgia, como no pântano escuro da goécia.

Dêste modo compreende-se bem como é possível aproveitar a acção terapêutica do fluido vital ou magnético (psicoterápia, magnetoterápia) — a natureza medicatriz de Hipócrates — produzindo fenómenos reputados milagrosos, quer se realizem nôs templos de Esculápio ou de Serapis, quer em Lourdes ou em Fátima — a Lourdes portuguesa. O milagre exprime sempre a ignorância das leis que regem os fenómenos.

A irradiação contínua da nossa actividade espiritual está constantemente a ser modificada pelas acções externas e depende essencialmente do estado de espírito que a produziu. Dá-se portanto uma reciprocidade de influências entre o indivíduo e o meio, cuja resultante é o pensamento, no qual interveem sempre elementos affectivos, intellectuais e volitivos. Consoante a natureza dêstes elementos, assim a espécie de matéria que lhes serve de suporte, resultante da diferenciação de estados vibratórios. O pensamento será mais concreto ou mais abstracto segundo a influência externa fôr maior ou menor, oscilando pois, entre a representação objectiva pura e a pura intuição. O espírito é um gérmen de possibilidades infinitas, que só se desenvolve à custa de certas acções do meio ambiente. E' a experiência que lhe fornece o precioso alimento que há-de regenerar as verdades encanecidas, transfigurando-as, rejuvenescendo-as.

Em última análise, o pensamento reduz-se a vibrações que se transmitem em todos os sentidos, cuja intensidade vibratória é maior em volta do corpo, produzindo uma atmosfera de colorações variáveis com o estado de espírito do indivíduo — a *aura* humana. Mas a par desta variabilidade específica da cromática astral, que define a natureza do pensamento, há uma notável constância na luminosidade, como função do grau evolutivo dos

mente nas plantas, nas flôres. Uma tarde, após várias experiências bem sucedidas, o poeta chega a casa com um braçado de flores cortadas: cravos, violetas e rosas; e flores em vasos: tulipas, jacintos e crisântemos. As flores cortadas, mortas de um certo tempo, não exercem acção, sôbre o aparelho. As flores em vaso, vivas, colocadas próximo do viâro, que elas afloram com as suas corolas, repelem a agulha: crisântemos em vaso, rep. 2, tulipas vermelhas, em vaso, rep. 5.

Para confirmar a sua experimentação, Guerra Junqueiro quer triturar, «martirizar» a flôr para que ela exale, elimine uma porção de vida. Muito nitidamente, a agulha que marcava anteriormente 5º de repulsão, acusa 15º depois da trituração. «A vida é uma para todos», exclama o poeta, satisfeito por ter conseguido a demonstração experimental do seu conceito imaginativo.

Tenho ainda a acrescentar que: 1.º — A sua mão não tinha amachucado a flôr directamente; foi com uma régua de mármore que êle havia esmagado a planta. 2.º — Fatigado com a recitação de poesias suas, o autor, cuja fórmula biométrica foi tomada em seguida, atraía a agulha; a sua mão não podia portanto, de forma alguma, ter provocado a expansão da flôr sôbre a agulha, acusando 10º a mais, de desvio. 3.º -- A planta tendo ficado tóda a noite, em presença do aparelho, manteve os 15º de repulsão.

Não podia pertencer senão ao poeta da alma, pôr experimentalmente em evidência a alma das flores, a vida nelas, tal como o seu sentido imaginativo o tinha preconcebido, destas flores que a sua linguagem mística chamava os pensamentos das plantas». (L'Ame Humaine)

indivíduos. Da mesma maneira que em T. S. F. uma série de vibrações produz mensagens num aparelho receptor, assim também o pensamento, transmitindo-se por ondas, pode ser recebido por indivíduos que estejam na sua esfera de influência e possuam uma sensibilidade conveniente (*telestésia* ou *metestésia*).

Para que um pensamento se transporte a distância é preciso que haja uma certa concentração mental e que a sua projecção, através do espaço, seja vigorosa. A concentração mental consiste em fixar a atenção sobre um objecto determinado ou num domínio especial, mantendo assim, na consciência, a representação de uma única imagem, que traduz um propósito definido. Produz-se assim uma reserva de energia mental e emocional que constitui as formas-pensamento. Estas formas-pensamento, plasmadas na matéria astral e animadas de determinado movimento vibratório, desempenham o papel de um centro de força que se projecta fora de nós e emite radiações correspondentes à sua natureza, enquanto não se extingue a reserva de energia que a vontade lhe introduziu.

Há formas-pensamento nitidamente definidas; outras, vagas, imprecisas; umas, com alvo determinado, seguem a trajectória que a vontade lhes traçou; outras, sem destino especial, vogam ao sabor das atracções ou repulsões, neste imenso oceano fluídico em que nos encontramos mergulhados. A nitidez dos contornos depende da nitidez da imagem focada pela concentração mental e o seu poder depende do esforço volitivo empregado na sua produção. A

medida que vai enfraquecendo o poder das formas-pensamento, os seus contornos vão-se esbatendo até que elas acabam por dissociar-se inteiramente. Os pensamentos vagos, indecisos, fracos, não tem formas definidas e a sua vitalidade é fraca. Apresentam-se apenas como uma irradiação que se transmite por ondas análogas às ondas hertzianas, e a sua esfera de influência é muito restrita. Pelo contrário, os pensamentos bem definidos mentalmente e vitalizadas por uma vontade forte, tem um poder formidável, uma acção prodigiosa. Porisso os ocultistas começam por desenvolver a vontade para ampliar e intensificar o rendimento dos seus trabalhos.

Até mesmo inconscientemente estamos sempre exercendo influência uns sobre os outros, por meio dos nossos pensamentos. Produzindo pensamentos elevados, levamos as outras pessoas a erguer-se também a um nível elevado e assim realizamos uma obra grandiosa, espalhando no ambiente germens de espiritualidade.

Uma corrente de pensamento forte arrasta consigo aqueles que, mantendo uma atitude de passividade intelectual, não sabem afirmar e manter a sua individualidade pensante. Assim se compreende o contágio da su-



Projecção da vontade com o desejo de impressionar a chapa fotográfica

Iconografia obtida sem electricidade nem aparelho fotográfico, à luz vermelha, pelo coronel Darget, que, juntando os dedos, projecta a vontade sobre a placa, sensível, dizendo: «Eu quero que, no interesse da sciência, esta chapa seja impressionada». Comparar as características desta fotografia com as da seguinte, produzida por outra pessoa e variando um pouco o processo operatório.

gestão e as dificuldades enormes que há em vencer uma corrente de opinião pública por mais absurda que seja. O mecanismo de propagação e triunfo de idéas novas é também muito curioso. E' aos grandes génios que pertence lançar essas idéas, pois só êles poderiam ser um forte núcleo de irradiação mental, embora haja necessidade de outros agentes de expansão, directamente influenciados por aqueles, que sirvam de pontos de apoio sólidos, permitindo um mais fácil e seguro triunfo das idéas nascentes. A princípio, essa corrente de pensamento é alimentada pelos indivíduos que teem maiores afinidades com ela; depois, por aqueles cujas divergências forem menores, ou que mais libertos se encontram de outras correntes mentais; e assim, engrossando sempre, aumenta o seu poder e acaba por constituir opinião pública.

E' assim que se forma o espírito das raças e das nações, dos partidos políticos e das seitas religiosas, das correntes literárias e filosóficas. Quanto melhor essa corrente mental satisfizer as exigências intelectuais e as aspirações morais dos indivíduos, tanto mais rápido e seguro será o seu triunfo. E' o caso do Espiritismo que só exige dos seus adeptos um pouco mais de propaganda, metódica e esclarecida, para que se torne conhecido e devidamente apreciado, libertando-o das superstições grosseiras e fanatismos ridículos que muito ofuscam ainda o seu brilho intenso.

As formas-pensamento são produções ideoplásticas duma ordem especial, formando um simbolismo astral, análogo ao simbolismo da linguagem falada ou escrita, no mundo físico. O estudo do pensamento pode reduzir-se, pois, ao estudo das formas-pensamento, que são verdadeiras granadas explosivas, quando teem alvo determinado e encontram terreno favorável à explosão.

Em acústica é bem sabido que o movimento vibratório produz formas geométricas definidas, como se verifica com as placas vibrantes de Chladni. Alguns experimentadores eminentes, tomando em consideração esta correspondência física entre o estado vibratório da matéria e as formas que produz, atribuíram grande valor à forma que os pensamentos revestem, tomando-a como guia seguro na determinação da natureza do pensamento. Quanto a nós estas formas são aparências illusórias pois não resultam apenas dum automatismo psicológico, mas dependem, em grande parte, das faculdades representativas do indivíduo, no domínio da imaginação criadora. Elas constituem, por assim dizer, uma estética transcendental, em que cada um de nós imprime o seu carácter pessoal. Dêste modo se compreende facilmente que a forma tem uma importância secundária para o estudo do pensamento. No trabalho de Annie Besant e Leadbeater, que enferma daquele defeito, necessariamente a imaginação desempenha um papel importante.

O que constitui, para nós, um guia seguro no estudo do pensamento



Projeção da vontade com o desejo de impressionar a chapa fotográfica

Iconografia obtida à luz vermelha de Nad, sem electricidade, com aparelho fotográfico, sem influência da mão. 10 minutos de pose. M.^{me} N. projecta a sua vontade com o desejo intenso de impressionar a placa, mantendo o seu propósito durante o tempo de pose, a ponto de ficar exausta e muito debilitada, após esta experiência.

é a côr e luminosidade, impossíveis de falsificar, funções do estado vibratório da matéria e que andam intimamente ligadas podendo considerar-se como constituindo a característica essencial do pensamento. A vitalidade duma forma-pensamento é definida pela nitidez dos contornos.

Podemos então fazer um estudo completo das formas-pensamento, atendendo às seguintes relações:

1.º — *Côr*: define a qualidade do pensamento.

2.º — *Luminosidade*: define a intenção que gerou o pensamento.

3.º — *Nitidez dos contornos*: define a vitalidade e portanto o poder que a forma-pensamento ainda conserva.

As regras que presidem a êste estudo podem resumir-se no seguinte:

a) — Azul, traduz religiosidade; amarelo, traduz intelectualidade; côr de rosa, traduz affectividade; vermelho, traduz cólera.

b) — As côres, menos luminosas, mais escuras, traduzem sentimentos grosseiros; pelo contrário, as côres mais luminosas, mais pálidas, traduzem sentimentos elevados. O negro traduz perversidade, ignorância; e o branco, pureza, sabedoria.

Basta o facto de ser necessária uma certa concentração mental na produção de formas-pensamento, para se compreender bem que cada uma delas representa um conjunto de estados de espírito sucessivos, cujas características se diferenciam. Esta diferenciação reflecte-se, sobretudo, na variedade de côres que se encontram, em geral, nas formas-pensamento. Dêste modo podemos formular o seguinte princípio: — *Quanto maior fôr a semelhança entre os sucessivos estados de espírito, tanto maior será a homogeneidade das côres*. Em geral as côres são muito variadas em virtude da complexidade de idéas e sentimentos que interveem.

Não havendo concentração mental, não haveria permanência de forma e os sucessivos estados de espírito não se poderiam objectivar. Os pensamentos seriam fracos, de pouca vitalidade, e resolver-se-iam numa pequena irradiação.

A forma dum pensamento é mais ou menos complicada conforme a fantasia de quem a produz e não pode dizer-se, portanto, que exprima uma idéa complexa, embora isso se verifique por vezes. Em que há perfeita correspondência é entre a variedade de côres e a multiplicidade de idéas e sentimentos. A cromática astral não pode ser modificada ao capricho da imaginação e daí provém o seu grande valor elucidativo.

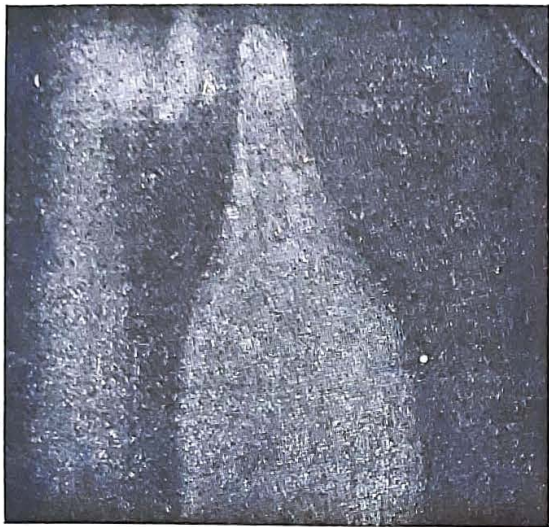
Além das formas-pensamento a que nos temos referido e a que podemos chamar *naturais*, há ainda outras, produções ideoplásticas também, que são representações astrais de quaisquer objectos ou pessoas e que designaremos pelo nome de *artificiais*. São estas formas que, impressionando certos indivíduos dotados duma sensibilidade especial, produzem os fenómenos alucinatorios (1). E' neste domínio que a imaginação dos artistas trabalha, procu-

(1) Os espiritistas não podem abstrair destas manifestações ideoplásticas nas sessões de espiritismo, porque elas impressionam os médiuns videntes que podem ser vítimas de erros lamentáveis, se não souberem conhecer a sua origem e natureza. Muitas pessoas, desconhecendo o mecanismo do pensamento e a importância da sugestão, entregam-se a uma credulidade exagerada, supersticiosa mesmo, que, ainda quando não seja perigosa para elas, prejudica as idéas pelo descrédito que levanta.

A's vezes são vítimas inconscientes da sua própria imaginação que modela a matéria astral com formas determinadas, podendo até representar uma pessoa querida, desde que a objectivação da sua imagem tivesse sido suficiente. Quem desconhecesse a possibilidade dêste fenómeno, acreditaria, de boa fé, que o espírito dessa pessoa se encontrava presente. E' contudo fácil distinguir quando se trata dum sêr espiritual, ou duma forma ideoplástica. Basta um pouco de atenção para se vêr como são artificiais estas manifestações a que falta espontaneidade de movimentos e intensidade de irradiação. De resto, compreende-se a possibilidade de erros desta natureza, atendendo a que a matéria astral é facilmente plasmável; e

rando modelar na matéria astral, maravilhosamente plasmável, as formas ideais que hão-de servir de modelo às suas obras.

Consideramos apenas as formas-pensamento naturais, neste artigo, pois são, as que teem maior importância. As outras teem apenas um valor teórico. No entanto, apresentamos, como exemplo, duas fotografias obtidas pelo Comandante Darget, objectivando mentalmente uma garrafa. Eis como o illustre experimentador descreve o processo que seguiu para obter aquelas fotografias:



*Produção ideoplástica de uma garrafa
(1.ª experiência)*

Esta fotografia foi obtida pelo Comandante Darget pensando fortemente numa garrafa.

beber de novo, dizendo por brincadeira, Então meti uma chapa no banho e toquei-a. Pensei então numa mesa; o meu pensamento deslizou sobre a imagem duma cadeira, que se desvaneceu ainda, para se fixar, por fim, na imagem da garrafa de que eu acabava de beber. E' para notar que tinha uma garrafa semelhante, com o revelador diante dos meus olhos e que a via à luz vermelha, na câmara escura. Aqui está a imagem que a chapa reproduziu; é certo que aí se distingue a silhueta duma garrafa, bastante nítida para que se possa atribuir a uma sombra ou a uma mancha devida ao acaso. Tendo-me feito notar o sr. A... que para provar bem a realidade deste fenómeno, seria preciso obter uma segunda garrafa, resolvemos tentar isso. Ele não deixou de me fazer beber da mesma aguardente; pela minha parte, eu olhei demoradamente a garrafa. Estando nós instalados na câmara escura, recorri ao mesmo processo da experiência anterior, colocando os dedos sobre a chapa, no banho, do

« A 27 de Maio, o sr. A... mostrou-me na Illustration de 23 de Maio (1896) um dedo com algumas manchas fluidicas obtidas pelo Dr. Le Bon, no banho revelador, tocando a gelatina. Convidou-me logo a tentar a mesma experiência, na própria tarde. Assim fiz e obtive os meus cinco dedos com uma grande auréola. Então o sr. A... disse-me que, se se pudesse representar um objecto, o fenómeno tornar-se-hia notável. Ora aqui devo entrar em alguns pormenores.

O sr. A... acabava de me encher um copo com aguardente velha. Eu tinha conservado a garrafa sob os meus olhos durante meia hora e manifestei a intenção de beber de novo, dizendo por brincadeira, Então meti uma chapa no banho e toquei-a do lado do vidro e não do lado da gelati-



*Produção ideoplástica de uma garrafa
(2.ª experiência)*

Esta forma-pensamento artificial foi obtida pelo Comandante Darget, servindo de verificação aos resultados obtidos na experiência ideoplástica anterior.

até no mundo físico em que a matéria é grosseira se produzem manequins que, à primeira vista, dão a perfeita ilusão de uma pessoa viva.

A melhor defesa, ainda, para uma vidência astral correcta, consiste no *sujeito magnético* que, estando debaixo da acção do magnetizador, êste não o deixa obedecer a sugestões illusórias, e tem, além disso, maior lucidez para distinguir as formas e natureza dos objectos que vê. O que é preciso, acima de tudo, é que os médiuns não confiem demasiado nas suas faculdades, pois dessa confiança exagerada aproveitam-se os espíritos inferiores para fazerem mistificações que os podem prejudicar bastante. Quando não houver evidência, a dúvida provisória do método carteziano, é ainda o mais seguro caminho para atingir a verdade.

lado do vidro. Fixada e lavada a chapa, fomos procurar a imagem da garrafa que de facto encontrámos.»

* * *

Todos os pensamentos que irradiam de nós procuram despertar, nos indivíduos que encontram no caminho, modos vibratórios análogos ao seu, preparando neles um estado de espírito correspondente. A aura que nos envolve não é mais do que o reflexo da nossa actividade mental, mais luminosa ou mais obscura, mais transparente ou mais opaca, de côres mais pálidas e diluídas ou mais escuras e carregadas, conforme a maior ou menor elevação e pureza dos nossos pensamentos. Ela só pode ser afectada por formas-pensamento cujo estado vibratório esteja sintonizado com o seu; mas nem porisso deixa de haver reciprocidade de influências, sempre que não houver identidade vibratória, o que seria muito difícil de realizar. E' a aura que modifica o estado vibratório das vibrações que nos atingem, apropriando-o ao seu e determinando o relativismo das nossas sensações.

Os pensamentos grosseiros, materializados, são constituídos por matéria densa que os exprime e traduz, em vibrações lentas, obscuras, enquanto os pensamentos elevados, espirituais, teem um *subtractum* subtil como a sua própria natureza, definido por um movimento vibratório muito rápido, luminoso. A lei que preside às atracções ou repulsões no domínio hiperfísico é a *lei do ritmo vibratório*. As pessoas cujas tendências se orientam num determinado sentido, atraem os pensamentos que foram gerados em estados de espírito similares, repelindo os que lhe forem antagónicos. E' assim que se manifesta, claramente, a influência prodigiosa do pensamento, e, portanto, a necessidade de o educar, para que possa servir para melhorar as condições de vida da humanidade, fornecendo-nos, ao mesmo tempo, elementos preciosos de defeza. Podemos modificar o estado vibratório da matéria que envolve o nosso espírito e constitui os seus veículos — a alma ou perispírito — que não pode ser homogéneo ⁽¹⁾ e cujo grau de densidade aumenta à medida que se afasta do espírito. A nossa acção constante e persistente sôbre a matéria que constitui a alma, permite-nos escolher e seleccionar as influências externas. Isso consegue-se pelo domínio de si e pela educação do pensamento. *Nosce te ipsum*, era o lema dos iniciados antigos. Conforme os nossos pensamentos, assim a densidade das nossas *almas secundárias* (Lefranc) e a possibilidade de sermos affectados por pensamentos elevados ou grosseiros.

A nossa evolução é grandemente influenciada pelo meio ambiente, mas o trabalho principal é nosso, porque somos nós que, com as nossas atitudes espirituais, favorecemos ou contrariamos as acções externas, estabelecendo e firmando alianças, num ou noutro sentido. O grande segredo consiste, no fundo, em saber pensar. Se os materiais da nossa alma são subtis, os pensamentos grosseiros não encontram eco em nós, porque não respondemos às suas vibrações, e não nos affectam, portanto; ao passo que os pensamentos elevados nos atingem e inundam de doces consolações. Pelo contrário, se êsses materiais são grosseiros, as más influências externas podem exercer a sua acção prejudicial, ficando nós insensíveis às influências benéficas. Sempre que as diferenças de estado vibratório se mantem dentro de certos limites, isto é, quando há uma certa afinidade vibratória, há também uma reciprocidade de influências, de que resulta uma determinada modificação no estado vibratório, vencendo sempre aquele cuja intensidade

(1) Veja artigos sôbre a «*Alma Humana*» do sr. Dr. António J. Freire, publicados nesta Revista.

fôr maior. Quando se ultrapassam êsses limites, as acções são antagónicas e repelem-se portanto.

Pelo domínio de nós mesmos, podemos melhorar consideravelmente as condições da nossa vida, porque não permitimos o vibrar desordenado das paixões e emoções grosseiras que preparam em nós uma receptividade perniciosa. Um indivíduo que só irradia pensamentos de amor não pode ser perturbado por pensamentos de ódio, mas as suas vibrações, penetrantes, atravessam a carapaça de matéria densa que envolve os espíritos moralmente rudimentares, e iniciam o seu trabalho de purificação despertando as qualidades adormecidas ou embotadas, esboçando o primeiro frémito de amor, lampêjo inconsciente e vago, fraco e indeciso, como um sorriso de estrêla a brilhar na noite escura.

O mesmo pensamento pode impressionar milhares de indivíduos desde que os encontre em estados de espírito favoráveis, e possua uma vitalidade conveniente. Mesmo que não haja identidade absoluta, o que raramente sucede desde que exista uma certa analogia, o pensamento mais forte modifica o estado vibratório do mais fraco, produzindo pensamentos da sua ordem. Porisso, em todos os nossos julgamentos intervem sempre um coeficiente pessoal, sob a forma de preconceitos. Duma maneira geral, os pensamentos que irradiam de nós e a que não damos direcção determinada irão em busca de pensamentos similares que vibrem no mesmo diapásão de sensibilidade, com os quais se fundem por vezes, reforçando-os, aumentando-lhes a intensidade, formando *egrégoras*.

Os atritos que encontram no caminho determinam perda de energia e diminuição conseqüente na sua vitalidade. A duração duma forma pensamento depende assim de três factores:

- 1.º — O esforço volitivo empregado na sua produção.
- 2.º — Os atritos que precisa vencer na sua trajectória e que representam perda de energia.
- 3.º — As formas-pensamento idênticas com que se funde aumentando-lhe a vitalidade.

Cada sêr tem a sua esfera de influência, o seu campo de indução psíquica, maior ou menor, segundo o grau da sua evolução ⁽¹⁾. Os pensamen-

(1) Eis como Annie Besant (*Le Pouvoir de la Pensée*) explica o mecanismo da transmissão do pensamento:

«Existe no cérebro um pequeno órgão, a glândula pineal, cujas funções são desconhecidas dos fisiologistas ocidentais e de que os psicólogos ocidentais não se preocupam. E' um órgão rudimentar na maior parte dos indivíduos, mas que, longe de retrogradar, evolui, sendo possível acelerar a sua evolução a ponto de o fazer desempenhar a sua função própria, aquela que, de futuro, desempenhará em todos. Esta glândula é o órgão de transmissão do pensamento, como os olhos são os órgãos da vista e os ouvidos os da audição.

Todo aquele que pensar applicadamente sôbre uma única idéa, concentrando nela uma atenção prolongada, terá consciência dum ligeiro frémito na glândula pineal, duma sensação de formigueiro. O frémito tem lugar no éter que banha a glândula e produz uma pequena corrente magnética que dá origem à sensação de formigueiro nas moléculas densas da glândula. Se o pensamento foi bastante forte para produzir a corrente, o pensador saberá que conseguiu dar ao seu pensamento uma nitidez e um vigor que o tornam apto a ser transmitido.

Esta vibração no éter da glândula pineal, determina ondas no éter ambiente, semelhantes às ondas luminosas, embora muito mais pequenas e mais rápidas. Estas ondas propagam-se em todas as direcções, pondo o éter em movimento, e estas ondas de éter por sua vez, produzem outras no éter da glândula pineal dum outro cérebro, para serem transmitidas de lá aos corpos astral e mental, atingindo assim a consciência segundo a ordem regular. Se a segunda glândula pineal não pode reproduzir estas ondulações, o pensamento passará despercebido e não produzirá impressão, como as ondas luminosas não impressionam os olhos de um cego».

tos a que damos forma com o propósito definido de influenciarem determinada pessoa, seguem a trajectória que a nossa vontade lhes traçou, obedecendo ao impulso primitivo, e andam em volta dela procurando despertar, na sua aura, um estado vibratório sintónico com o seu, até que encontram ocasião própria para actuar. Procuram sempre desempenhar-se da sua missão, mas às vezes a sua energia extingue-se sem que possam agir desde que o indivíduo a quem se destinam reaja sobre eles.

Um pensamento de certa ordem quando tem destino especial e encontra um estado vibratório antagónico, retrocede impotente, mas se encontra ambiente favorável sacia então a necessidade de agir que o vitaliza. Assim, um indivíduo que não tenha pensamentos de ódio, não pode ser atingido pelos pensamentos de ódio que lhe forem dirigidos, porque eles não encontram na sua aura um estado vibratório que lhes permita agir. Mais ainda: se ele só produz pensamentos de amor, o estado vibratório da sua aura repele todos os pensamentos de ódio que lhe enviarem, fazendo-os experimentar o *choque de retôrno*. Essas formas-pensamento, retrocedendo, voltam ao centro da irradiação donde haviam partido, e, como encontram aí terreno favorável, exercem a sua acção perniciosa até extinguirem a reserva de energia que a vontade lhes introduzira. O indivíduo torna-se vítima dos seus próprios pensamentos. Do mesmo modo, um indivíduo que só produza pensamentos de ódio, manifestações de perversidade, não pode ser atingido pelos pensamentos de amor que lhe sejam enviados. No caso particular destes pensamentos lhe serem enviados por indivíduos vítimas do seu ódio, os pensamentos de amor experimentam também o *choque de retôrno*, enchendo de consolações suaves e felicidades deliciosas, aqueles que os tinham produzido. Por aqui se vê bem como se realiza, automaticamente, a felicidade daqueles que sabem amar os seus inimigos. A lei moral é sempre o caminho que conduz seguramente à felicidade. Cristo ensinando-nos que devemos amar os nossos inimigos não o fez para exigir de nós sacrifícios inúteis, mas sim para que pudéssemos ser felizes.

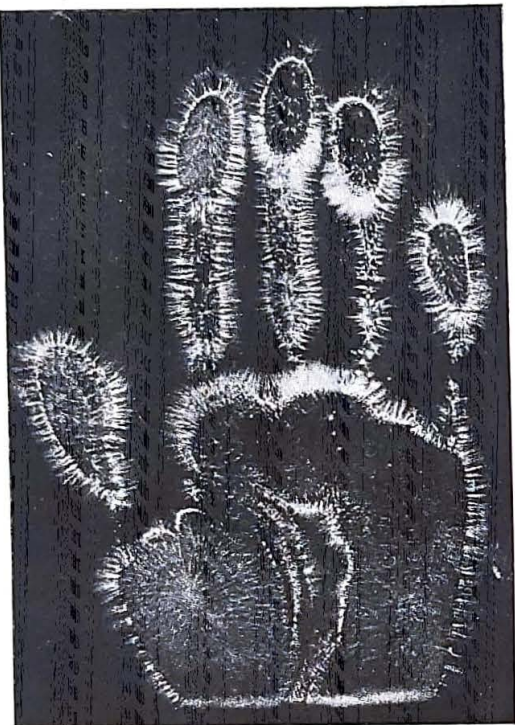
« O homem bom, do bom tesouro tira boas coisas; mas o homem mau do mau tesouro tira más coisas » (S. Mateus, XII-35).

Há outra categoria de pensamentos em que o egoísmo predomina. Estes pensamentos formam uma espécie de carapaça astral que envolve o indivíduo, obscurecendo-lhe a inteligência e embotando-lhe a sensibilidade, porque quasi o isola do convívio espiritual com os outros seres. Depois da morte é que melhor se compreende a tortura deste isolamento, pela impossibilidade dos sentidos astrais penetrarem através da densidade dessa carapaça. Assim se explica como muitos espíritos ficam, após a morte, mergulhados em densas trevas, onde a sua imaginação procura reproduzir as scenas habituais da sua vida física. Através dos sentidos físicos ainda conseguem debruçar-se sobre o mundo e receber o influxo das suas vibrações; mas os sentidos astrais, adaptados a outro meio, não são janelas bastante amplas para que o espírito se possa debruçar sobre o mundo que o cerca. Pelo contrário, os pensamentos altruistas subtilizam a matéria que nos envolve, e assim diluem e repelem os pensamentos que poderiam prejudicar-nos, alargando os nossos horizontes espirituais e atraíndo os pensamentos benéficos que nos enchem de felicidades e de venturas. Deste modo o homem está continuamente a receber o influxo benéfico ou maléfico dos seus próprios pensamentos, num automatismo grandioso, através do qual se realiza a justiça imanente. Todos os pensamentos que elaboramos introduzem modificações no meio ambiente cuja reacção há-de exercer-se sobre nós, mais cedo ou mais tarde. Eles são reservas deliciosas, alimentos celestes, quando forem elevados e puros; pelo contrário, serão venenos subtis, pu-

nhais de treva, quando determinados por sentimentos de egoísmo, de ódio, ou de vingança. Os primeiros, quando reagem sôbre nós, enchem-nos de suaves consolações; os outros, de remorsos pungentes. Quanto mais bem derrarmos na vida, tanto mais felizes seremos, porque atraímos vibrações benéficas que andem em busca de outras que possuam o mesmo ritmo vibra-

tório. O nosso prêmio ou castigo está nos nossos próprios pensamentos. A reacção das nossas atitudes espirituais, persegue-nos, como a sombra persegue os objectos que a produzem. O pensamento é o arquétipo da realização. Porisso também os nossos actos, que são pensamentos objectivados, estão sujeitos às mesmas leis de acção e reacção. E' por êste mecanismo que a lei da responsabilidade (Karma) será sempre integralmente cumprida.

Os nossos pensamentos são o nosso melhor escudo e amparo e o material subtil com que havemos de construir o futuro. A sua pureza é a melhor defesa para o mal que nos desejam e o maior benefício que podemos prestar à humanidade ⁽¹⁾. Estamos mergulhados num imenso oceano flúidico onde vibram os pensamentos mais variados, entrechocando-se em lutas gigantescas, deslocando-se no sentido das atracções, seguindo o caminho das menores resistências. Todas as formas-pensamento que se produzem sem alvo determinado, vogam neste oceano flúidico ao sabor das atracções ou repulsões ocasionais. Elas podem, no seu caminho, despertar qualidades la-



Electrografia da mão pelo método de Iodko

Obtem-se colocando sôbre uma placa a mão duma pessoa super-electrizada. Esta fotografia mostra nitidamente a diferença entre a electrografia e a iconografia em que os efluvios vitais impressionam, por si mesmos, a chapa fotográfica.

tentes ou reprimidas, ou intensificar um desejo vago, hesitante ainda, reagindo sôbre todas as que lhes fôrem antagónicas. A nossa superior aspiração deve ser a de aproveitar estas correntes mentais em constante actividade. Vimos já como pela selecção cuidada dos nossos pensamentos nos defendemos do mal e atraímos o bem, contribuindo no mesmo passo para melhorar o ambiente psíquico. O processo mais fácil e seguro de realizarmos condições psíquicas de alta receptividade e intensa irradiação é a prece.

(1) Quando a humanidade conhecer melhor o valor do pensamento, procurará educar os criminosos, desenvolvendo-lhes a sensibilidade moral em vez de a embotar mais ainda com castigos desumanos e violências inúteis que só avolumam os ódios e fortalecem os crimes. Grande parte das taras com que nascem certos indivíduos são introduzidas no feto por via mental. Daqui resulta a extraordinária importância para o novo ser, do ambiente psíquico em que foi gerado. Durante a gestação em que o espírito que reincarna está preparando o seu futuro invólucro carnal, como a lagarta constrói o casulo donde há-de sair borboleta, êle recorre ao meio ambiente para aplicar os materiais que êle lhe fornece, e, conforme a natureza desses materiais, assim os resultados que consegue. Os pensamentos dominantes dos pais reflectem-se no carácter dos filhos, determinando o ser que deve reincarnar segundo o ambiente psíquico que lhe criarem. O problema das influências ancestrais e do meio ambiente ilumina-se bastante quando se entrar em linha de conta com o determinismo psíquico que até agora tem sido desprezado.

* * *

Quando a onda de scepticismo, rolando pelo mundo, afogou as esperanças mais belas e desacreditou as práticas religiosas mais puras, a crença em Deus foi considerada um sintoma piegas de inferioridade intelectual, e a prece, uma manifestação supersticiosa, ridícula de estupidez.

A Igreja Romana que não soube compreender o alto significado da prece, nem o seu mecanismo transcendente, fez dela uma forma de negócio, profanando a sua sublimidade, porque o valor moral duma prece comprada, só pode ser negativo. Todas as aspirações divinas que alevantam o homem da lama do caminho e as atitudes espirituais que definem e objectivam a sua individualidade moral e afirmam o seu vigor intelectual, foram amesquinhas e destruídas pelo sacrilégio dos dogmas absurdos e pelo mercantilismo dos sacramentos. Foi assim que a Igreja contribuiu poderosamente para o descrédito das mais vivas expressões da religiosidade humana, cavando a sua própria ruína e assumindo responsabilidades tremendas pela crise de ateísmo que provocou, como natural reacção.

As idéas para serem aceites e poderem ser úteis aos indivíduos, precisam de se lhes adaptar, satisfazendo ao mesmo tempo as suas necessidades intelectuais e aspirações morais. Uma crença que não satisfaça estas condições, deixa de ser útil para se tornar prejudicial, porque é um veículo da descrença. A natureza, porém, é extremamente previdente e tem recursos privilegiados. O Tempo, no seu trabalho de erosão constante, vai destruindo todas as formas que permanecem imóveis, para que o pensamento possa construir outras, mais amplas e mais perfeitas. As idéas, como as almas, precisam mudar de formas, transfigurar-se, rejuvenescer, quando o seu corpo, arruinado, não pode mais conter a sua luz divina.

A vida é uma eterna reincorporação. Porisso tôda a crença que se apresenta dogmática, invariável com o sêlo de infalibilidade, desde que não acompanha a evolução do pensamento e as aquisições progressivas do saber, em breve cai no descrédito e morre. A imobilidade é a condenação da vida.

Conhecido o valor do pensamento, é fácil compreender o mecanismo e acção da prece. Ela é a fonte perene, inesgotável, de água lustral onde podemos densedentar a nossa sêde. Ali foram os santos beber o segredo dos seus milagres, a resignação no sofrimento e a coragem no martírio. Mas a prece não é apenas uma atitude moral: é também um estado de hipersensibilidade intelectual. Através dela se realiza a comunicação inter-espiritual com sêres tanto mais evolucionados quanto mais pura fôr; e daí, os tesouros de sabedoria que revela. Enquanto a sciência moderna procura ampliar o campo de acção dos sentidos físicos, por meio de aparelhos especiais (microscópio, telescópio, etc.), ou transformar as sensações (termómetros, aparelhos registadores, etc.), os antigos procuravam, antes, desenvolver as suas faculdades supranormais. Assim, pelo primeiro processo, o espírito precisa realizar todo o trabalho de conhecimento desde a análise sensorial até à síntese representativa, ao passo que, pelo segundo processo, realizando-se condições psíquicas, altamente receptivas, consegue-se apreender os pensamentos já elaborados devidamente amadurecidos. O esforço de conhecer traduz-se numa inspiração (1).

(1) As inspirações sublimes do génio podem ter duas origens: extrínseca ou intrínseca. No 1.º caso resultam duma comunicação intermental e assim se compreende que algumas descobertas tenham sido efectuadas por pessoas diferentes e em lugares distantes, indepen-

Assim se compreende como, na antiguidade, os iniciados nos Grandes Mistérios do esoterismo, atingiam culminâncias de sabedoria que nos deslumbram, sem preocupações científicas, cultivando apenas a *meditação* como método introspectivo e a *contemplação* como método extrospectivo. O misticismo, bem compreendido, é um processo transcendente de investigação da verdade; mas, em geral, os que o praticam, fazem-no apenas numa visão egoísta de felicidade individual.

Eu compreendo a doce volúpia dos ascetas sombrias que vivem debruçados na sua própria alma, a surpreender-lhe os mistérios, a desvendar-lhe os segredos. Mas aprecio e admiro, acima de tudo, aqueles que não fogem do mundo para cuidar apenas das suas almas e sabem triunfar na vida, vencendo as tentações e socorrendo as misérias. Estes é que podem servir de modelos e não os outros.

Fugir do mundo, não é vencer as suas tentações. A ignorância pode ser menos dolorosa do que o conhecimento, mas aquela felicidade é ilusória e deficiente. É um estado precário da consciência com estagnações de pântano e noites de túmulo. É bem preferível sentir a tortura agónica dum poente ensangüentado, a ter a indiferença serena e calma da cegueira. Assim também a luta contra as tentações do pecado vale mais que a insensibilidade nirvânica dos monges recolhidos no túmulo das celas, (1) quantas vezes incendiados por labaredas rubras de desejos, por sentimentos torvos de aberração. A vida é feita de quedas e de triunfos.

A prece não consiste num balbuciar de palavras, mais ou menos sonoras ou harmoniosas, que não formam sentido, ou cujo sentido se ignora; mas sim, num estado de espírito especial, que determine a irradiação de pensamentos duma ordem elevada, preparando uma receptividade superior que permita o influxo de pensamentos benéficos. Tanto pode traduzir uma explosão de agradecimento, como um desejo de auxiliar outrem, como um pedido de amparo. A verdadeira prece não obedece a fórmulas que a artificializam: deve brotar espontânea e naturalmente do nosso espírito; e a melhor e mais fecunda de todas as preces resume-se em amar a Deus, amando o próximo como a nós mesmos. O valor da oração não está na quantidade de palavras com que se exprime, mas na qualidade dos sentimentos e idéas que a determinam. « *E quando orardes não faleis muito como os gentios, pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos.* » (S. Mat. VI—7).

Aqueles que desdenham do valor da prece alegando que Deus sabe bem aquilo de que necessitamos sem que seja necessário pedir-se, desconhecem inteiramente o seu mecanismo e acção.

Decerto a nossa prece não consegue transgredir as leis naturais, mas é exactamente dentro delas que age, provocando modificações formidáveis no

dentemente, assimilando pensamentos esparsos no ambiente, que as definem. No 2.º caso, resultam duma dissociação da personalidade normal, que dá ao espírito maior lucidez, pela maior independência do seu organismo físico. É o que se consegue por meio dos alcaloides que provocam um desdobraimento parcial e excitam o sistema nervoso permitindo-lhe vibrar mais intensamente. A êste respeito é interessante conhecer como trabalham os grandes escritores. Balzac, por exemplo, alimentava as insónias a tragos de café, chegando a trabalhar doze horas seguidas. Nietzsche recorria a narcóticos intensos, duma acção violenta, como o cloral e um certo licor de «Java», que o abrasavam em febre. Porisso a sua filosofia é feita de delírio.

(1) O nirvana búdico não consiste em atitudes quietistas de sonolências apáticas (como muita gente pensa) para beberem no êxtase o repouso eterno na letargia do Infinito, na calma estagnada, na estatuização da Vida, cuja imobilidade seria a única morte aniquiladora, pelo vácuo do pensamento. É uma vida transcendente em que o pensamento realiza uma actividade prodigiosa, intensa, luminosa, sem desarmonias perturbadoras.

determinismo dos fenómenos, favorecendo a realização do nosso objectivo. E' um factor subtil que intervem e que, pela sua importância, não pode ser desprezado.

Só é próprio de inteligências rudimentarmente formadas, admitir-se a interferência directa de Deus sobre o mundo, por meio duma acção arbitrária e milagreira. Deus, sendo omnisciente, produziu tudo segundo a sua infinita sabedoria e não há lacunas ou deficiências na sua obra. Porisso as



Psiquextase da prece

Iconografia obtida pelo Dr. H. Baraduc, sem aparelho fotográfico, nem electricidade, na obscuridade, com as mãos estendidas para a cbapa fotográfica, recitando um *Veni sancto* com piedade e alta tensão de espirito. E' notável a característica de homogeneidade que se observa nesta fotografia.

suas leis são gerais e invariáveis. O relojoeiro não precisa de estar sempre a mover os ponteiros dos relógios que fabrica, para que êles marquem o tempo, e demais é um mísero humano! O seu mecanismo é apropriado ao fim a que se destina.

O que importa saber é quais os assuntos dignos de prece. Duma maneira geral, pode dizer-se que todos os assuntos de carácter egoísta ou material, não devem ser motivo de prece. Os pensamentos desse género seriam grosseiros e não realizavam pois as condições essenciais da prece. Para que a prece seja a mais alta expressão de religiosidade, é preciso que a nossa personalidade se dilua e esbata numa aspiração superior, transbordante de nós próprios, que se alargue e cresça, infinita e pura. Quantas consolações se recebem nestes colóquios singelos, em que, escutando as vozes mais íntimas do nosso espírito, nos sentimos mais próximo de Deus! Que indulgência e doçura a daquela voz amiga, que nos levanta e acarinha, quando nos humilhamos arrependidos dos actos menos correctos que praticamos!

A prece é um refúgio bendito, contribuindo poderosamente para a nossa evolução, facilitando a intervenção dos espíritos superiores que se interessam por nós e nos guiam e amparam sempre que tropeçarmos nos escolhos do Caminho, estancando o sangue das nossas feridas, limpando as nódoas das nossas almas, fortalecendo os propósitos que fizemos de nos regenerarmos, erguendo-nos para Deus.

O simples desejo de seguir o caminho do bem atrai os pensamentos fortes e amigos que nos amparam e susteem, aplanando as dificuldades e encorajando-nos para vencermos. Todos nós temos sêres amigos, nesse Além misterioso que afinal nos cerca, mas que a nossa cegueira espiritual não vê, e êsses amigos acompanham disveladamente os nossos passos hesitantes, procurando conduzir-nos a pôrto de salvamento. Assim se compreendem certos casos maravilhosos de auxílios inesperados, que parecem verdadeiros milagres, tão imprevistos eram.

Um indivíduo que se encontra na iminência dum perigo, emite, inconscientemente, ondas telepáticas pedindo socorro, e êsses pensamentos podem ser recebidos por indivíduos que, em vista disso, se dirigem para o local do sinistro, sem que, grande parte das vezes, tenham consciência nítida da

fôrça que os atrai. São inúmeros os factos desta natureza. Quantas vezes também no meio duma dôr profunda sentimos consolações inexplicáveis; e quantas outras no meio da alegria esfusiante duma festa, uma sombra misteriosa nos inunda de tristeza! Quem há na vida que não tenha tido pressentimentos, agradáveis ou desagradáveis?

O conhecimento do poder mental ilumina intensamente o caminho da vida, rasgando o véu densíssimo do mistério que nos envolve, poupando-nos grandes sofrimentos, porque nos ensina a preparar deliciosas colheitas. Uma retorta tanto pode destilar perfumes como destilar venenos. Procuremos, pois, dominar e educar os nossos pensamentos para que possamos destilar perfumes e melhorar as condições da vida espiritual. Poderemos assim viver nos meios mais perniciosos e desagradáveis, semeando ideas puras, com calma, serenidade e alta benevolência, insensíveis ao vibrar desordenado das paixões grosseiras, como um bloco de amianto no meio das chamas.

Apenas uma ligeira sonolência nos invade, depois, no último momento e uma impressão de alívio e bemaventurança nos embriaga. Quando acordamos no meio dos nossos amigos que nos esperam ansiosos de abraçar-nos pela *feliz viagem*, experimentamos uma felicidade indescritível e as nossas faculdades tomam uma lucidez e uma penetração, prodigiosas. Façamos pois do



Jesus Cristo

pensamento uma harmonia divina. Temos dentro de nós potencialidades infinitas: somos deuses exilados na matéria. Jesus refere-se às nossas possibilidades divinas — « *Ego dixi vobis: Dii estis* ». O Baghavadgita diz: « *Tu trazes em ti um amigo sublime que não conheces, porque Deus reside no interior de todo o homem, mas poucos o sabem encontrar.* »

E' o poder mental que constitui o segredo da mecânica transcendente, que os magos, teurgos e hierofantes aproveitavam nas suas práticas maravilhosas, contrabalançando os efeitos perniciosos da goécia. Se não fôsse mesmo o trabalho constante, persistente, formidável, da teurgia que a todos os momentos se encarrega de neutralizar e dissolver os pensamentos destrutivos com que os planos inferiores da humanidade viciam o ambiente, não havia quem se libertasse do pântano, quem triunfasse, nesta fogueira brutal de vingança e de ódio, acesa no mundo. E este trabalho insano, esta luta titânica não é sustentada apenas pelos incarnados — pobres de nós agrilhoados na matéria! — mas muito especialmente pelos desincarnados que contemplam e vigiam de mais alto o destino da nossa humanidade.

Os incarnados são apenas os seus pontos de apoio, os alicerces do Templo que êles estão construindo pedra a pedra, em vista das necessidades dos tempos. Porisso devem ser fortes e saber resistir a todos os embates, para o que precisam de comunicar, pela oração, com os espíritos superiores, não perdendo, nunca, o contacto com êles.

Os espiritistas tem deveres maiorese mais graves responsabilidades,

porque conhecem o Caminho e a responsabilidade é sempre proporcional ao grau de conhecimento. Devemos viver unidos, pondo de parte todas as questões que nos separem, pois não pode haver preconceitos ou melindres que sejam mais fortes do que a dedicação que nos merece o Ideal sublime que nos guia, que nos conforta, que nos sustém. Exemplifiquemos a fraternidade e seremos cristãos. As palavras só tem valor quando são confirmadas por actos.

Orai e vigiai — dizia Cristo.

ANTÓNIO L. VILELA

O Problema dos Sonhos ✓

É um facto para nós intrigante e perturbador a explicação dos sonhos. Como é que nós podemos relacionar coisas aparentemente tão absurdas pela sua desconexão?

Costuma dizer-se que os sonhos são o reflexo dos nossos pensamentos e, quanto a nós, essa opinião é muito mais bem fundada do que parece à primeira vista. O estudo do mecanismo e interpretação da clarividência ou metagnomia, alargou, consideravelmente, os horizontes que demarcavam as possibilidades do espírito humano, podendo afirmar-se hoje, que essa faculdade, embora exista excepcionalmente desenvolvida em certos indivíduos, é todavia comum a todos os seres, conquanto se mantenha em estado embrionário.

Aqueles que estudam os fenómenos psíquicos não ignoram que, durante o sono, o espírito humano goza duma certa liberdade que lhe permite afastar-se e repousar um pouco no seu meio, entrando nesse momento em relação com outros seres com os quais tem afinidades e que vibram na mesma frequência, o que constitui, portanto, como que uma bilocação inconsciente.

Em virtude das considerações que tem sugerido o estudo dos fenómenos de conhecimento supranormal, é sabido que todo o metagnomo, e portanto, todo o homem, visto que o clarividente apenas tem a mais que qualquer outro indivíduo a possibilidade de pôr em evidência potencialidades que são comuns a todos os seres, encerra em si, na memória subconsciente, o conhecimento integral de todas as vicissitudes da sua existência através da evolução, na série das suas inúmeras encarnações. Essa memória, absolutamente diferenciada da memória consciente, que é efémera e infiel, regista pormenorizadamente, com todas as minudências, os mais leves incidentes, quer em potência, quer em acto, permitindo a sua revivescência fugaz na memória consciente, quando, por um fenómeno de criptomnésia, se torna possível a qualquer pensamento ou acto realizado, a sua passagem do inconsciente ao consciente por um mecanismo ignorado.

Apoiando-nos sobre estas considerações, o sonho aparece-nos absolutamente compreensível, como uma transposição para a memória consciente, de pensamentos ou actos realizados ou a realizar, por um processo semelhante ao que permite aos metagnomos o funcionamento da sua clarividência. Justifica-se por isso que os sonhos se apresentem mesclados e confusos, resultantes duma insuficiente percepção de reflexos fugidios dum misterioso passado, que, para um ser dotado

de vistas largas e transcendentas, condiciona, pela aplicação das leis imutáveis, todo o futuro individual. Seria este o modo de explicar igualmente os sonhos premonitórios, que são talvez apenas uma modalidade dos sonhos normais em que a transposição das sensações subconscientes é fiel e inductiva.

Compreende-se portanto que na dissociação da personalidade, realizada durante o sono, possa haver um traço de união entre a personalidade integral e a personalidade consciente, no momento da integração do espírito que se distanciou, apoiado nos seus corpos flúídicos superiores. Assim se explica também satisfatoriamente a realidade de certas comunicações com os desencarnados, que, durante a liberdade que o sono nos faculta, conseguem imprimir, na nossa memória subconsciente, um pensamento tão intenso e cheio de vitalidade que triunfa da barreira larga e profunda que separa as duas memórias e se assenhoreia da fortaleza quasi inexpugnável da memória consciente.

Sucedeu há pouco connosco ter um sonho que nos não deixou a menor dúvida de que elle procedia duma comunicação com um desencarnado e que registámos immediatamente ao acordar, para não perder o mais pequeno detalhe das circunstâncias em que se produziu. Não lhe damos porém publicidade, como desejaríamos, porque se refere a assuntos particulares estranhos à nossa pessoa; mas é bem provável que inúmeras pessoas apontem casos semelhantes, probativos desta tese. Aguardemos o resultado do concurso instituído pe'a «The Psychological Society of Boston», para a escolha da melhor comunicação sôbre o problema dos sonhos, que nos habilitará a pronunciarmo-nos mais nitidamente sôbre o assunto.

PEDRO CARDIA

— — — — —
 O coração tem razões que a razão desconhece. — PASCAL.
 — — — — —

Eu próprio tive uma aparição bastante emocionante. Foi em Génova em 1882. Eusábia, meio atordoada, parecia não poder dar grande coisa. Perdendo-lhe, logo de princípio, para deslocar, em plena luz, um pesado tinteiro, ela respondeu-me na sua linguagem vulgar: «Para quê essas insignificâncias; eu sou capaz de te mostrar tua mãe». Pouco depois, na meia obscuridade duma lâmpada com vidros vermelhos, eu vi surgir, da cortina, uma silhueta velada, bastante pequena como era minha pobre mãe. Ela deu uma volta completa à mesa, até junto de mim, sorrindo-me e dizendo-me algumas palavras que os meus companheiros ouviram, mas que eu não pude compreender por causa da minha surdez. Fortemente emocionado, pedi-lhe para repetir e ela disse: *Cesar, fio mio*, o que, confesso, me surpreendeu bastante, porque ela costumava dizer, antes, na sua linguagem veneziana: *mio fiol*. Depois, a meu pedido, ela tornou a dar nova volta à mesa e enviou-me um beijo. Durante este tempo estava Eusábia bem segura pelos seus dois vizinhos, e, além disso, a sua estatura excedia, pelo menos em dez centímetros, a de minha mãe. Esta ainda me apareceu, menos distintamente, enviando-me beijos e falando-me, em outras oito sessões, em 1906 e 1907, em Milão e Turin.

De — «*Hypnotisme et Spiritisme*».

CÉSAR LOMBROSO

Experiências Metapsíquicas ✓

V

APARIÇÃO DUMA RELIGIOSA

No dia 7 de Novembro de 1914, em casa da Condessa Castelwitch, pelas 9 horas da noite, depois duma fiscalização rigorosa feita pelo Dr. Sousa Couto e por mim, estando os aparelhos fotográficos dirigidos para vários pontos da sala, ligámos as mãos, D. Maria Pousa, o médium (condessa de Castelwitch), o Dr. Sousa Couto e eu, em volta duma pequena mesa de 3 pés. Esta experiência foi feita com luz vermelha a-pesar-do Dr. Sousa Couto preferir que não tivéssemos luz para melhor podermos apreciar a côr das fulgurações luminosas que sempre apareciam nas sessões,



Fig. 1

Depois de instalados, sem grande demora, no lado oposto da mesa grande do meio da sala, apareceu uma nuvem branca através da qual se distinguiam, perfeitamente, os quadros da parede. Pouco a pouco a nuvem condensou-se, tornou-se espessa e tomou a forma dum fantasma que nos dava a impressão dum monge vestido de branco; — moveu-se para trás e para diante, como se flutuasse, e a seguir dirigiu-se para a luz vermelha colocada sôbre o piano, ao mesmo tempo que um formidável murro era batido sôbre a grande mesa, ao que nos pareceu.

As duas senhoras, D. Maria e o médium tiveram medo e pediram-me que supplicasse ao fantasma que não se aproximasse de nós, o que me contrariou, pois preferia vê-lo de bem perto. Pedi então ao fantasma que fôsse antes para o quarto contíguo, e que tentasse de impressionar a sua imagem nalguma das chapas fotográficas. Imediatamente,

três brilhantes fulgurações iluminaram o quarto, seguidas pela aparição do fantasma que parecia tirar a luz de si próprio.

A-pesar-da intensa luz da aparição, não pudemos distinguir as suas feições, provavelmente, por causa da uniformidade da sua côr branca.

Como eu tivesse colocado uma chapa esfumada sôbre a mesa grande, pedi que qualquer coisa aparecesse marcada na dita chapa. Após outros fenómenos que perdem a sua importância em frente da materialização, foram batidas as três pancadas convencionais para findarmos a experiência.

Estávamos persuadidos de que uma das chapas fotográficas tivesse apanhado a imagem aparecida. Na chapa esfumada estava uma cruz como o indica a gravura n.º 1; porém nas chapas das máquinas fotográficas nada apareceu, quando as revelei, constatando assim que a luz psíquica não era suficiente para a fotografia.

Nesta experiência há a notar, que pudemos, devido à luz vermelha, ver a formação do fantasma, os seus movimentos, a sua forma, primeiro transparente, depois opaca e a luz que emanava dêle mesmo. Temos a registar igualmente a sua inteligência, quando se colocou em frente do aparelho fotográfico.

Para obtermos melhor resultado tentámos outra experiência, no dia 22 do mesmo mês, com as mesmas pessoas, a mesma fiscalização, as portas, como sempre, rigorosamente fechadas. As entidades, esta noite, disseram-nos, por tiptologia, que não queriam a luz vermelha. Estamos colocados como na outra sessão, perto da chaminé, as mãos ligadas sôbre a mesa de três pés.

Coloquei o meu aparelho fotográfico apontado para o quarto contíguo esperando que a aparição se pusesse na sua frente para impressionar a chapa com a sua imagem; o magnésio foi posto por detrás do aparelho, e ficou combinado que só o acenderíamos, quando nos fôsse indicado por uma pancada longe de nós. Após alguns fenómenos de transporte de objectos e de



Fig. 2

toques em nós todos, a pancada foi vibrada. Acendemos o fósforo, tendo o cuidado de olhar para todos os cantos do quarto cujas portas estavam bem fechadas, mas não vimos coisa alguma. Só depois da explosão do magnésio é que todos notámos uma forma branca e vaporosa, que ora avançava, ora recuava e se aproximava até à sala onde estávamos. Logo a seguir três pancadas foram ouvidas — sinal para findarmos a sessão.

Na chapa esfumada havia uma cruz como o demonstra a gravura n.º 1.

Quando fui revelar a chapa ficámos estupefactos de vêr aparecer a religiosa, e, longe dela, duas mãos dadas que o leitor pode admirar na gravura n.º 2.

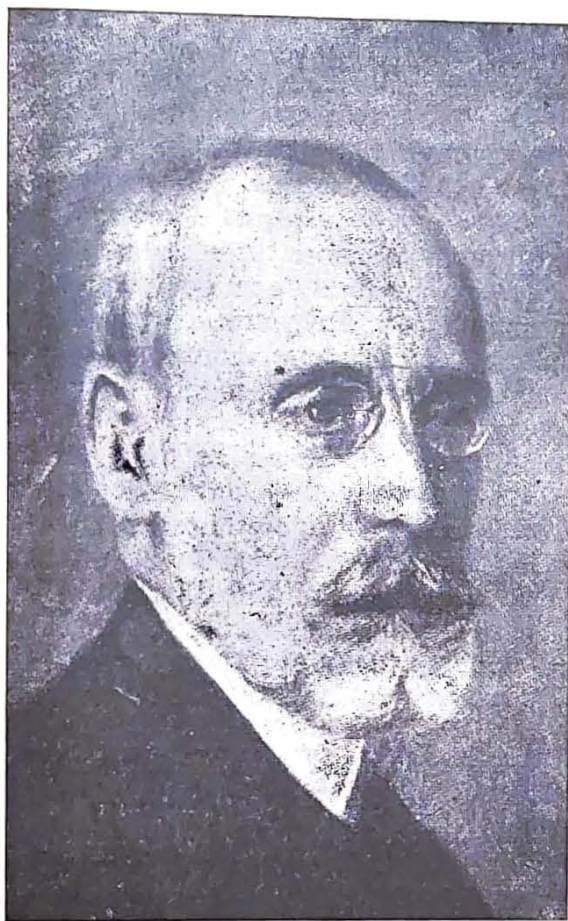
Não conhecemos esta religiosa e, o que mais me surpreende, é como êste personagem pôde colocar-se em frente da objectiva sem que nós o vissemos à luz do fósforo. A quem pertencem as duas mãos entrelaçadas? A um simples acaso, ou seriam duas entidades que ali estavam? Noutras experiências também se manifestaram vários personagens, experiências que relatei no meu livro «Merveilleux Phénomènes de l' Au delà ».

Lisboa.

MADALENA FRONDONI LACOMBE.

INQUÉRITO

IV



PROF. ERNESTO BOZZANO

Prosseguindo na publicação do inquérito que a «Revista de Espiritismo» iniciou entre as principais mentalidades do Espiritismo contemporâneo, apresentamos hoje, aos nossos leitores, mais um valioso depoimento.

Tem a palavra o nosso ilustre Confrade prof. Ernesto Bozzano, escritor insigne, profundo investigador, polemista brilhante e vigoroso, cujo método, consistindo na discussão filosófica dos factos supranormais, tem valorizado extraordinariamente o Espiritismo, porque demonstra a inanidade das outras hipóteses com que pretendem explicá-los.

Desenvolvendo uma actividade literária prodigiosa e fecunda, o grande Mestre do Espiritismo, dotado de raras faculdades de análise e de crítica, tem produzido uma obra gigantesca: — «Les Manifestations Métapsychiques et les Animaux»; «Manifestations Supranormales parmi les Peuples Sauvages»; «Phénomènes de Hantise»; «Phénomènes Psychiques au Moment de la Mort»; «Les Enigmes de la Psychométrie et de la Télékinésie»; «A propos de l'Introduction a la Métapsychique Humaine»; etc.

A primeira parte do seu depoimento é extraída da revista «La Luz del Porvenir» (Junho de 1926 — n.º 162) que aquele nosso ilustre Confrade teve a gentileza de nos enviar como resposta ao 1.º quesito por nós formulado, reservando, para o 2.º quesito, a sua resposta directa.

Do Positivismo ao Espiritismo

Com prazer respondo à solicitude do meritíssimo professor Asmara que me pede algumas notas biográficas pessoais para as comunicar aos leitores de «*La Luz del Porvenir*», especialmente relativas às circunstâncias que me induziram a dedicar-me ao estudo da mediunidade; e acedo a tal desejo por considerar que a história das conversões filosóficas contém valiosos ensinamentos. Propositadamente digo «conversões filosóficas» porque tal é, em toda a extensão do sentido, o meu caso.

Nasci em Génova em 1862. A minha vida é desprovida de episódios biográficos, porque foi, realmente, uma vida de ermitão; nada mais tenho feito do que estudar. Durante a minha adolescência todos os ramos do conhecimento exerciam sobre o meu entendimento igual fascinação, dificultando muito a escolha dum caminho definitivo. O que por fim me atraíu mais irresistivelmente foi a filosofia científica, e Herbert Spencer tornou-se o meu ídolo. Aderi ao positivismo materialista com tão ardente convicção que me parecia inacreditável que existisse alguma pessoa culta, dotada de senso comum, na medida ordinária, que acreditasse na exis-

tência e sobrevivência da alma; e não foi esta uma convicção meramente privada, porque escrevi artigos audaciosos em defesa de tais idéas. Ao recordar o meu procedimento de então sinto-me hoje indulgente e tolerante para com certos adversários, que crêem, de boa fé, poderem refutar as conclusões rigorosamente experimentais a que chegou o Espiritismo moderno e lhes opõem raciocínios indutivos e dedutivos da psico-fisiologia, na eficácia demonstrativa dos quais eu também acreditava há trinta e cinco anos.

É claro que, nos tempos a que me refiro, eu nada conhecia das investigações medianímicas e espiritistas a não ser alguns breves artigos lidos distraidamente nos diários, que denunciavam as supostas fraudes dos médiuns e se compadeciam da credulidade dos espíritas.

Em 1891 escreveu-me o professor Th. Ribot, director da «*Revue Philosophique*», informando-me de que iria, em breve, publicar-se uma nova revista com o título de «*Annales des Sciences Psychiques*», fundada pelo prof. Charles Richet e dirigida pelo dr. Dariez. A mencionada revista propunha-se, principalmente, recompilar e investigar certos factos curiosos de transmissão do pensamento a distância, fenómenos que se havia convencido chamar de «*telepatia*». O problema psicológico, exposto dêste modo, atraíu a minha curiosidade e, como o nome do prof. Richet lhe garantia seriedade científica, respondi agradecendo e dando a minha adesão.

Sinceramente declaro que a leitura dos primeiros números da nova revista, produziu uma impressão desastrosa no meu critério de positivista intransigente. Parecia-me escandaloso que, representantes da sciência oficial, se prestassem a discutir, a sério, transmissões de pensamento a grandes distâncias, aparições de fantasmas telepáticos dotados de existência real e casas assombradas. A força inibitória dos preconceitos paralizava as minhas faculdades racionais em frente das novas idéas, ou antes, dos novos factos, visto que, efectivamente, se tratava de factos scientificamente expostos e rigorosamente documentados, posto que eu não estivesse preparado para os assimilar.

Tal era o meu estado de ânimo quando apareceu na «*Revue Philosophique*» um longo artigo do prof. Rosembach, de Petrogrado, no qual se atacava, com veemência, a intrusão sacrílega do «*novo misticismo*» na arca santa da psicologia oficial e se procurava explicar os novos factos pela hipótese da alucinação, das coincidências fortuitas, etc. O artigo pareceu-me tão deficiente e insustentável que produziu em mim o efeito oposto ao que o autor visava; quere dizer que, como se de repente se dissipasse, ante mim, uma espécie de névoa intelectual, reconheci que se tratava de factos e que não procedia com acêrto o prof. Rosembach combatendo-os por mero preconceito. Foi assim que o inábil ataque dum correligionário meu, demasiado ardente na sua fé positivista, me impeliu a dar o primeiro passo no caminho da nova Sciência da Alma, a cujo estudo consagrei logo tôda a minha vida.

No número seguinte da «*Revue Philosophique*» veio, muito a propósito, um artigo do prof. Richet, refutando, ponto por ponto, as afirmações triviais do prof. Rosembach. Quasi ao mesmo tempo aparecia, traduzida para francês por Marillier, com o título «*Hallucinations thélépathiques*», a famosa obra «*Phantasm of the Living*» cuja leitura me convenceu definitivamente da realidade dos fenómenos telepáticos. Posto que os reconhecesse, mantinham-se intactas as minhas teorias positivistas, pois que a explicação científica que então se dava dos fenómenos telepáticos, atribuídos a supostas vibrações do pensamento que se propagavam indefinidamente em ondas concêntricas, satisfazia, inteiramente, o meu critério científico... Não obstante, realmente, eu tinha dado já um grande passo no caminho de Damasco, sem mesmo dar por tal, posto que, aquela primeira concessão a respeito de certas manifestações supranormais, havia de levar-me, necessariamente, a um novo campo de estudos, alheios e até opostos aos do positivismo materialista professado até então.

Com efeito, não tardou a declarar-se a crise da minha consciência científica, e o que a provocou, abalando profundamente os alicerces do meu positivismo, foi o livro « *Animismo e Espiritismo* » de Alexandre Aksakoff. Passei por um estado extremamente penoso de perturbação moral, porque, se bem que a minha nova orientação tendesse para uma fé científica mais consoladora que a primitiva, em caso algum deixa de ser triste assistir ao desmoronamento interior de todo um sistema de crenças filosóficas elaboradas à custa de largas meditações e de perseverantes esforços intelectuais.

Li durante aquele período numerosas obras metapsíquicas dos autores em voga como Kardec, Dellane, Denis, D'Assier, Nus, Crookes, Brofferio e Du Prel, mas não tardou que reconhecesse que era indispensável remontar à origem do movimento espiritualista, se desejava realizar um trabalho científico fecundo no novo círculo dos meus estudos. Assim, pois, escrevi para Londres e Nova York pedindo as principais obras publicadas desde a origem do movimento espírita até 1870, e, recebidas elas, iniciei o período realmente fecundo das minhas investigações sistemáticas no vasto campo do metapsiquismo. Cataloguei ordenadamente o conteúdo de cada obra estudada, para proceder logo à classificação e análise comparada dos factos aduzidos, sistema que me deu excelentes resultados práticos e que continuei aplicando até hoje. Conservo uma recordação imperecível daqueles tempos de investigação fervorosa e perseverante, pela qual pude assentar, em bases scientificamente indestrutíveis, as minhas novas idéas espiritualistas. Entre as obras que maior influência exerceram sobre a minha evolução devo mencionar as seguintes:

R. Dale Owen: « *Footfalls on the Boundary of another World* » — « *The Debatable Land betwix this World and the Next* »; Epes Sargent: « *Planchette, the Despair of Science* » — « *The Scientific Basis of Spiritualism* »; Mrs. de Morgan: « *From Matter to Spirit* »; Dr. Wolfe: « *Starling Facts in Modern Spiritualism* ». E' para lamentar que tais obras, esgotadas, há tempo, não sejam reeditadas em Inglaterra e na América, visto que conservam integralmente o seu valor de actualidade.

Sôbre a história do movimento espiritista foi-me muito proveitoso o livro « *Modern American Spiritualism* », de Emma Harding-Britten; e sôbre a história dos precursôres no mesmo campo, achei utilíssima a obra em dois volumes de William Howtt « *History of the Supernatural* ».

Quanto à fenomenologia medianímica de efeitos físicos, os relatórios de Mrs. Speer àcerca das sessões experimentais com Staiton Moses foram o que mais influuiu nas minhas convicções relativas à mencionada fenomenologia. (Light 1892-1893).

Assim fundamentada, sôlidamente, a minha cultura científica sôbre tais assuntos, julguei chegado o momento de comprovar os meus conhecimentos teóricos por investigações experimentais.

Entretanto, em virtude da lei misteriosa que põe em relação as pessoas de tendências e aspirações idênticas, eu tinha-me relacionado com algumas pessoas que se dedicavam a estudos de mediunidade com seriedade de propósitos e de métodos, entre os quais mencionarei o dr. Venzano, o sr. Carlos Peretti e o director do « *Secolo XIX* », sr. L. A. Vassallo. Tivemos a ventura de encontrar no seio dêste mesmo grupo dois médiuns de grandes faculdades, de efeitos físicos e intellectuais, por meio dos quais obtivemos manifestações de tôda a espécie, como percussões a grandes distâncias, luzes medianímicas, transportes de objectos pesados, *apports* e provas de identificação espírita.

Pouco depois vieram as experiências com Eusápia Paladino, nas quais tomou parte o prof. E. Morselli e que foram as de maiores resultados que jámais se obtiveram com êste médium, chegando a obter-se materializações integrais à luz de um bico Aüer, com o corpo do médium ligado, braços e pernas, sôbre um leito de campanha. Relatei estas experiências em um livro intitulado « *Hipótese espírita e teorias científicas* ».

Detenho aqui a evocação das minhas recordações visto que se me pede a narração dos meus primeiros passos no caminho do espiritismo, os quais ficam expostos no que antecede.

Não terminarei sem acentuar que as minhas convicções teem amadurecido lentamente no longo período de trinta e cinco anos de estudo e experimentação perseverantes, feitos sem preconceitos de espécie alguma. Creio, pois, ter adquirido o direito de proclamar, abertamente, a minha opinião sôbre o sentido e a importância das investigações a que consagrei mais de metade da minha vida e faço-o nos seguintes termos:

Todo aquele que, em lugar de se transviar em discussões ociosas, realize investigações científicas profundas sôbre os fenômenos metapsíquicos, persistindo nisso durante largos anos e acumulando grande quantidade de factos, analisando-os com métodos científicos, acabará, forçosamente, por adquirir a convicção de que os fenômenos metapsíquicos constituem um conjunto maravilhoso de provas que convergem todas para a demonstração rigorosamente científica da existência e sobrevivência da alma.

Esta é a minha profunda convicção e não duvido de que o tempo me dará razão.

(De «La Luz del Porvenir»)

O que penso da influência do Espiritismo na evolução moral da Humanidade :

Quanto ao vosso segundo quesito: «Que pensais da influência do Espiritismo na evolução moral da humanidade?» Respondo que o movimento espiritista chega na sua hora; o mesmo é dizer que chega quando a posição do materialismo parecia fortíssima e a sua desoladora filosofia se apossara inexoravelmente de todas as inteligências mais elevadas e já transbordava, ameaçadora, entre as turbas, espalhando por tôda a parte os gérmens da dissolução moral e social, porque a fôrça das indagações biológicas, fisiológicas, histológicas e psicológicas convergiam todas para demonstrar que o pensamento era função do cérebro. — Eis que surge no horizonte entenebrecido do saber humano a aurora radiosa duma nova sciência — a Sciência da Alma — pela qual se demonstra, tendo por fundamento os factos, que o suposto axioma do materialismo «O pensamento é função do cérebro» é fundado em meras aparências, enquanto a análise rigorosa dos fenômenos psíquicos conscientes, subconscientes, normais e supra-normais demonstra precisamente o contrário, isto é, que o pensamento é uma fôrça organizante; que o cérebro é o produto dum dinamismo psíquico de ordem transcendental, originado no espírito organizador do corpo e sobrevivente à morte dêle.

Por outras palavras; com respeito também ao grande problema que se refere às relações existentes entre o «pensamento e o órgão cerebral» demonstra-se mais uma vez a eloqüente e impressionante verdade que o testemunho dos sentidos e a aparência das cousas são a tal ponto falazes que, para estarmos na verdade, basta pensarmos o contrário de quanto julgamos ver e reconhecer. E as provas disto abundam. Eis aqui algumas, a título de exemplo:

Vemos o sol nascer e subir todos os dias, enquanto a Terra permanece imóvel: êrro; a verdade é exactamente o contrário. Não podemos também duvidar de que o sol surge constantemente acima de nós; êrro; em vários meses do ano o sol nasce abaixo de nós. Deleita o nosso espírito um harmonioso concêrto: êrro; não há sons na natureza; há apenas no ar vibrações duma certa amplitude e velocidade que são silenciosas. O arco-iris brilha no céu com a sua bela gama de côres vistosas: êrro; côres não existem na natureza; o que existe são apenas ondulações do

éter, que põem em vibração o nervo ótico, o qual, por sua vez, cria para nós a ilusão das côres. Temos também a certeza de que uma luz difusa contorna o nosso mundo: erro; as trevas envolvem o Universo, mas as ondulações do éter fazendo vibrar o nervo ótico produzem a aparência enganadora duma luz difusa, inexistente. Sofremos com o calor no estio e com o frio no inverno: erro; não existe nem calor nem frio, mas só vibrações especiais do éter que produzem essa espécie de sensações sobre o nosso sistema nervoso. Palpamos um corpo sólido qualquer e estamos bem certos de que é sólido, solidíssimo: erro; esse corpo é formado de moléculas que não se tocam e que estão em estado de perpétua vibração. Queimamo-nos se aproximarmos a mão da chama duma vela e sentimos uma dor viva localizada no ponto exacto em que nos queimámos: erro; a sensação de calor onde se localiza é no cérebro. E' esta uma breve enumeração de erros a que nos conduz o testemunho dos sentidos.

E agora tiremos as conseqüências experimentais para base rigorosa de quanto as investigações metapsíquicas demonstraram sobre as relações existentes entre «cérebro e pensamento». Os fisiologistas sustentam que o pensamento é função do cérebro: erro; aparência enganadora também esta. Para estar na verdade ocorre pensar justamente o contrário: *Mens agitat molem!*

E' para notar que o barão Carlos du Prel chegou às mesmas conclusões investigando o fenómeno dos «estigmas» pelo qual se demonstra que o pensamento é uma «fôrça organizadora». Ele conclui assim: «O materialismo afirma: — o espírito é o produto do corpo, o pensamento é uma secreção do cérebro. Invertamos a proposição e estaremos na verdade».

Estabelecido isto, e voltando a nossa atenção às conseqüências que esta grande Verdade, promulgada pelas investigações metapsíquicas, tem na vida social, deveremos concluir que, à medida que o conhecimento sobre a verdadeira natureza da individualidade pensante se difunde entre os povos (o que há-de suceder em quanto os factos forem factos) se produzirá fatalmente uma lenta e profunda transformação na evolução espiritual da humanidade; transformação que levará a uma definitiva e radical reforma das nossas concepções religiosas, filosóficas, morais, sociais, individuais.

Isto significa que chegará o dia em que já não haverá sobre a Terra «religiões», mas sim a «religião», não haverá já «filosofias» mas sim a «filosofia»; não haverá já contestações sobre a existência duma moral na vida, mas conhecer-se-hão as bases da «verdadeira moral»; já não haverá nações antagonistas no mundo, mas ter-se-há estabelecido a unidade harmónica da família humana; já não haverá partidos, seitas, fermentos utopistas sociais, dilacerantes da existência dos povos, mas reinará soberana uma lei espiritual respeitada e praticada, espontâneamente, por todos «fraternidade, solidariedade, amor entre os peregrinos dum dia no mundo dos vivos».

Reconheço que o advento dum tal dia vem ainda distante nos séculos futuros, visto que as grandes transformações sociais se realizam por lenta evolução e não por revoluções. Como quer que seja, é preciso ter presente que no novo movimento metapsíquico-espiritista deve renascer o «fermento vital» que salvará a civilização hodierna da decadência que a ameaça, orientando-a, seguramente, para o glorioso futuro que o destino lhe reserva.

ERNESTO BOZZANO

Se o pensamento indaga, o coração adivinha.

ANTERO DO QUENTAL

CRÓNICA ESTRANGEIRA

Tese Espírita — A «*Revue Spirite*» conta que na Faculdade de Letras de Aix-en-Provence, o Prof. Francis Turcan apresentou uma tese interessantíssima, subordinada ao título: «*Os Fenómenos Metapsíquicos, chamados Espíritos e a Hipótese da Sobrevivência*». Esta tese era dividida em duas partes: 1.^a Os factos (subjectivos, objectivos e mixtos); 2.^a As teorias (afirmando e negando o carácter supranormal dos factos).

O autor faz a análise de vários factos já conhecidos e cita algumas observações pessoais, entre as quais, como muito interessantes, apontaremos dois casos de clarividência que lhe permitiram identificar uma prima, morta aos sete anos, e uma outra parente falecida com 84 anos, bem como uma previsão realizada dois anos depois de ser profetizada, relativa a um cargo que seu pai deveria exercer. Nas suas conclusões figura a seguinte frase: «*A hipótese espírita é a mais verosímil de todas as explicações propostas*». Oxalá este exemplo seja seguido e possamos ver imitado algum dia no nosso país.

Vederes de hoje — Com este título publicou o sr. Henry de France na revista católica «*Études*», um artigo que mereceu ao cronista da «*Revue Metapsychique*» judiciosos comentários que não resistimos à tentação de reproduzir.

Depois de pôr em relêvo o papel importante que vários padres franceses têm tido na evolução das percepções supranormais, englobadas no capítulo da cura, de Saint-Prex, o abade Racineux, de Pornic, o frade Padey, o abade Brunard, de Rennes, o abade Cales, o reverendo Adéodat, o abade Arlot, cura de Oradour, o abade Charles, cura de Wismes, etc., que com a varinha adivinhatória conseguem descobrir, não só nascentes de água e filões minerais, mas também diagnosticar várias doenças, precisando mesmo algumas doenças microbianas, o sr. Henry de France faz uma tentativa de interpretação dos fenómenos, comparando-os, na percepção, à recepção das ondas emitidas pelos postos de telefonia e recebidas por uma antena que, no caso em questão, seria a varinha que utilizam.

Esses raciocínios são, porém, destruídos pelos factos, que provam, à saciedade, a inutilidade da varinha no conhecimento supranormal de várias realidades, como, por exemplo, a das doenças microbianas, relegando para o campo metapsicológico essas faculdades adivinhatórias. Eis o comentário do cronista:

«Este autor insiste no papel importante desempenhado pelos padres franceses no desenvolvimento da rdomância e no seu aperfeiçoamento. E' evidentemente o dever dum escritor católico pôr em relêvo a parte que tomam os eclesiásticos no desenvolvimento científico e não se lhe pode levar a mal que o faça com tal insistência que, por vezes, a verdade seja um pouco falseada. Ao ler este artigo, com efeito, poderia julgar-se que são os padres franceses o principal motor do movimento e que a arte da varinha é, ou quasi, um monopólio eclesiástico. Ora, em todos os tempos, desde Aarão, os laicos manifestaram esta faculdade tão abundantemente como os eclesiásticos. E' verdade que, quasi sempre, estes perseguem aqueles por esses factos, vendo neles uma manifestação diabólica. Mas a igreja é assim: opôs-se, em todos os tempos, a todas as descobertas, ou, pelo menos, às que escapam ao seu monopólio, e, quando estas descobertas se impuseram, mais ou menos, sem a sua intervenção, reclama a sua parte de glória. Acontece agora com a rdomância o que succedeu com o heliocentrismo, por exemplo. E isso rejubila-nos; porque, admitindo a rdomância, a Igreja admite a clarividência, pelo menos sob uma das suas formas, sem já a classificar de diabólica...

A rdomância é um facto de metapsíquica. E folgamos de vêr que a Igreja, reclamando para si a parte que lhe toca, está no caminho de admitir, sem tardar muito, a clarividência em geral... e depois, a metapsíquica em bloco.

Esperamos agora artigos sobre a levitação e clarividência, insistindo no importante número destes fenómenos que, com toda a razão, se podem atribuir aos santos.»

Sintomas de envenenamento numa aparição — A «*Ligth*» narra o seguinte facto que, pela sua importância, figura nos «*Proceedings*» da *Society for Psychical Research*: O fantasma dum trabalhador escocês, muito dedicado ao seu patrão, manifestou-se-lhe coberto duma lividez azulada, com a fronte manchada por grossas gotas de suor, dizendo-lhe com insistência:

— Não pratiquei aquilo de que me acusam.

Perguntando-lhe o patrão de que era acusado, respondeu:

— Breve o sabereis.

Quasi imediatamente se espalhou a noticia de que o operário se tinha suicidado. O patrão não mostrou acreditar que tivesse havido suicídio e manteve essa afirmação. Verifi-

cada a causa da morte, soube-se que o operário tinha bebido, por engano, ácido azótico, contido numa garrafa, que elle supusera ser a da sua bebida habitual. Ora os sinais de envenenamento por este tóxico, são justamente os que o patrão tinha observado no rosto da aparição.

Aparição inesperada — A mesma revista, conta que dois rapazes, Franc e Henrique, que foram educados no mesmo colégio, continuaram em boas relações de amizade depois de acabarem a sua educação, seguindo o primeiro para engenharia e Henrique para o magistério. Ficou a cargo d'este a classe dos mais novos numa escola situada perto da casa do amigo, onde era sempre affectuosamente recebido pela mãe daquele, na sua aconchegada saleta. Todos os domingos, às 8 horas da noite, depois de ter feito deitar os alunos que dirigia, Henrique ia fazer companhia à mãe do seu amigo, que ficava só em casa, enquanto a família ia para os serviços religiosos dominicais. Veio a guerra e os dois amigos foram alistar-se, tendo Henrique, em Galipoli, a sorte gloriosa de tantos outros. Um domingo, quando a mãe de Franc estava sózinha, à hora habitual, sentiu o seu olhar atraído para a cadeira que Henrique costumava ocupar durante as suas visitas. Henrique, sentado ali como de costume, disse-lhe:

« — Obtive licença para vir vê-la e quero pedir-lhe que escreva a minha mãe a dizer-lhe que estou vivo, que me sinto muito feliz e trabalho muito.»

Era tão nítida a visão que a sua amiga julgou estar realmente em presença de Henrique e, quando ella se desvaneceu, ainda exclamava estupefacta:

« — Mas não é sonho! Estou bem acordada!»

Satisfeito o pedido do amigo de seu filho, recebeu como resposta da mãe d'ele uma carta de agradecimento pela mensagem, contendo inclusa uma outra carta que lhe fôra dirigida por uma filha e em que esta descrevia um passeio dado no jardim com o irmão, quando este fôra despedir-se dela e durante o qual lhe dissera:

« — Se eu morrer na guerra farei a diligência por voltar à Terra; mas não apparecerei a nossa mãe para a não assustar. Irei visitar a mãe de Franc, à sua interessante salinha, e pedir-lhe-hei, sentado no meu lugar habitual dos domingos, que escreva à nossa mãe enviando-lhe a mensagem que receber.»

São inúmeras as provas recebidas em todos os lugares da Terra, tendentes a demonstrar a permanência no Além das mais fundas afeições que ligam os seres entre si, dando-nos a consoladora certeza de que a morte, sendo uma transformação do modo de existência, não paraliza nem destrói as actividades psíquicas e affectivas.

Um caso de glossolalia — A «*Luz*», de Maceió, Alagoas, narra um caso de obsessão do sr. João Miguel, residente em Pery-Pery, Limoeiro da Anadia, Alagoas, que se apresenta habitualmente como mudo, mas responde ao que lhe perguntam se porventura lhe falam em língua alemã — que elle ignorava por completo antes de sofrer a influencia do espirito que se apossou d'ele.

Supõe-se que a mudez habitual d'este homem seja, antes, a falta de compreensão das pessoas que se lhe dirigem, estando elle, como está, debaixo da influencia avassaladora dum espirito cuja última incarnação teve lugar na Alemanha. Isto soube-se por intervenção dum espirito, que conseguiu averiguar a causa de tão estranhas manifestações, que, a-pesar-de muitos exorcismos e benzeduras de padres católicos, não se conseguiram fazer cessar.

O espirito obsessor é de tal modo atrasado que nem a catequese espiritista lhe fez comprehender o seu dever de deixar de perseguir a pobre vítima e de se afastar para se entregar à vida espiritual que o há de conduzir pelo arrependimento e pela pratica do bem à ambicionada felicidade.

Dois casos de telepatia — A «*Aurora*», do Rio de Janeiro, conta um caso reproduzido do «*Figaro*», de Paris e succedido durante a viagem dum negociante de Vilna à Rússia, cuja mulher, durante a sua ausência, teve um sonho telepático no qual vira o marido perseguido e assassinado por bandidos, nos arredores de Miusk. Acordando a gritar e numa grande agitação, nada a podia convencer de que o sonho não correspondesse à realidade, o que foi comprovado daí a pouco por um telegrama recebido da Rússia, e em que as circumstancias do assassinato correspondiam, em absoluto, à descrição do sonho, realizado à hora da triste ocorrência.

A propósito, o cronista da «*Aurora*» recorda um facto idêntico passado no Brasil quando se deu o sinistro do «*Aquidabau*», cuja protagonista foi a esposa dum dos officiaes victimados, que se achava de cama em consequência dum parto recente e que vira, em sonho, com todos os pormenores, as várias fases do triste acontecimento: o marido lutando com as ondas, a sua desesperança de salvação, a sua sensação de presença junto do pobre naufrago cuja alma se evolou d'este mundo de provações no momento em que ella acordava.

A família — da primeira sociedade de Botafogo — não sabia como desempenhar-se da dolorosa missão de fazer conhecer à viuva a morte trágica do marido.

Incumbiu-se disso o avô dessa senhora, único homem sobrevivente da família, que ficou estupefacto ao ver que todos os detalhes do naufrágio eram conhecidos da neta, cuja dor foi muito amenizada pela prova incontrovertida da sobrevivência do espirito de seu marido.

Um caso de psicografia epidérmica — A «*Verdade*», órgão da Federação Espírita Pernambucana, narra um caso singular sucedido em Manaus, com uma mulher dotada de estranhas faculdades adivinhatórias, chamada Francisca Jatahy Gomes da Silva, natural de Fortaleza, Estado do Ceará, que conta agora 40 anos.

Os fenómenos que com esta médium se passam são por ela atribuídos ao espírito de Jesuína de Carvalho, que escreve invisivelmente as respostas às perguntas que lhe são dirigidas, avivando-as na epiderme o espírito de Vicente de Lima, falecido em Pernambuco.

Um representante do «*Jornal do Comércio*», de Manaus, foi verificar os fenómenos, observando que, depois de ter formulado uma pergunta mental, a «mulher oráculo» lhe segurou a mão e, ao mesmo tempo que estendia o braço inteiriçado, aparecia-lhe na epiderme uma mancha rôxa que pouco a pouco se transformou em letras perfeitamente nítidas formando uma palavra que se adaptava como resposta à pergunta formulada mentalmente: «Que resultado advirá para o Amazonas da grande empresa Ford que vai ser estabelecida no Pará?»

A resposta foi: «Alguns».

Só o tempo poderá confirmar a justeza dessa resposta. O que todavia merece um estudo profundo é esta modalidade mediúnica de que só conhecemos um outro caso semelhante narrado no n.º 3 do ano passado, desta revista.

Cegueira súbita curada por passes magnéticos — Teve a gentileza, que muito agradecemos e desejamos ver imitada por alguns dos nossos leitores conhecedores de factos que mereçam ser divulgados, de nos enviar a «*Fôlha do Norte*», do Pará, jornal diário de grande publicidade, o sr. Marcos Arguelhes, ilustre secretário da Comissão Pró-Federação Espírita Portuguesa, no Pará, chamando a nossa atenção para um facto insólito descrito nesse jornal.

O facto é, na sua essência, o seguinte:

Uma menina, de nome Júlia Melo, educada numa instituição católica do Pará, o Asilo de Santo António, e adversa, portanto ao espiritismo, estando a estudar em grande diligência a fim de se habilitar para fazer um exame, viu de repente aparecer-lhe uma rapariga muito bela que lhe pedia a vista para um irmão seu e a arrebatou numa viagem imaginária, fazendo-a contemplar panoramas fantásticos, como nos contos de fadas. Após essa visão a menina Júlia Melo voltou à realidade, encontrando-se cega. A intervenção de um espírito que, tendo tomado conhecimento do caso pelo importante diário paraense, se dirigiu a casa dessa menina, fez-lhe recobrar a vista pela acção de passes magnéticos acompanhados de preces.

O que é singular é que a-pesar-da acção brilhante dos poderes medianímicos sobre a sua cegueira, a rapariga, muito embora declare publicamente no referido jornal que só devido a eles recobrára a vista, declara igualmente que não deseja ser espírita e roga a Deus que nunca deixe de fazer parte da Irmandade das Filhas de Maria.

Isto mais radica em nós a convicção, já expendida por vezes, de que não podemos de nenhum modo libertar muitos espíritos dos preconceitos atávicos e tradicionalistas que os dominam e impelem para a Igreja que é e será ainda necessária por muitos anos. No que devemos trabalhar é em introduzir-lhe e fazer-lhe viver os princípios fundamentais neo-espiritualistas.

Parecerá estranho que fale em atavismo e tradicionalismo quem acredita na reencarnação das almas e sua constante evolução. Mas o atavismo e tradicionalismo a que nos referimos é ao das almas, que assim como permanecem depois da morte o que eram e só lentamente se modificam, assim também nas reencarnações mantem os hábitos radicados em vidas anteriores.

Pois se nós sabemos, pelas descrições dos desincarnados que se comunicam, que eles criam ideoplásticamente na vida póstuma um *habitat* em relação com as necessidades do seu espírito, como meio transitório para a existência puramente espiritual, temos fatalmente de admitir também que, aqueles que em vidas passadas se impressionaram fundamente durante o culto com as cerimónias religiosas, não podem dispensá-las de repente, e só gradualmente o seu sentimento religioso poderá evoluir da concretização para a abstracção pura.

Só quem fôr sectário não reconhecerá esta verdade que muito nos apraz pôr em relevo, com a autoridade que nos dá a completa libertação das práticas religiosas comuns.

Natura non facit saltus.

Dois casos de vidência — Ainda a propósito do processo instaurado em Insterburg contra a sr.^a Gunsther-Geffers, a notável vidente alemã absolvida em face duma admirável experiência realizada em pleno tribunal, durante o seu julgamento, a que aludimos no 4.º número desta revista, a «*Revue Spirite*» conta pormenores duma manifestação admirável observada em relação com o crime de Koudlig.

Este homem assassinou, em Outubro de 1925, uma criada do sr. Schmidt, em Waltersdorf, tendo recaído as suspeitas sobre o dono da casa, sobre um pedreiro que lhe fazia serviço e sobre o verdadeiro assassino que tinha escrito à vítima numerosas cartas de amor muito comprometedoras. A vidente, chamada ao local do crime, reconstituiu fielmente as scenas passadas entre a pobre rapariga e o assassino. Este altercou violentamente com a

vítima, que lhe imputava a paternidade dum filho que estava gestando e que o assassino negava terminantemente. Batendo-lhe três vezes com um martelo na cabeça, obrigou-a a acoriar-se debaixo do leito e foi buscar um candeeiro de petróleo para incendiar a casa, fugindo, em seguida, para casa da sua noiva, mas voltando, pouco depois, para verificar se o fogo ardia. Saltando por cima duma sebe, foi esconder-se num bosque onde a vidente seguiu os seus actos, descrevendo-os com uma perfeita exactidão, confirmada pelas investigações realizadas sob a direcção do juiz Wenzel que o testemunhou.

O outro caso de vidência que o Conde Eulemburg conta na «*Zeltschrift für Psychische Forschung*», refere-se a um outro assassinato em que a vidente forneceu à justiça preciosos dados. Conduzida ao local do crime, caiu em transe e estendeu-se no chão no mesmo lugar em que a vítima tinha sido encontrada. Levantando-se, deu várias voltas e encaminhou-se para uma casa, seguindo a pista do assassino, que lhe era inteiramente desconhecido.

Chegada a essa casa exclamou: «*Kalinowski habita aqui e sabe tudo*».

Entre um grupo de operários que recentemente habitavam aquele lugar e cujos nomes eram ignorados da vidente e das pessoas que a acompanhavam, figurava efectivamente um sapateiro com esse nome por cuja casa Senderek, o assassino, tinha passado, na véspera do crime, para mandar concertar calçado.

A vidente, correndo por um atalho do bosque, chegou por fim à habitação de Senderek, cuja prisão foi efectuada pelas suas indicações que condisseram, em tudo, com os elementos obtidos pelas investigações policiais.

Ocorre perguntar qual era a origem supranormal de tão minuciosas informações. Seriam obtidas por uma comunhão intermental telepática com o espirito do assassino, em cuja memória integral subconsciente se teriam gravado os pormenores do seu crime, ou teriam sido colhidas duma memória geral ambiente, onde se achem registadas?

O dilema da metagnomia mantém-se sem que possamos, decididamente, optar por qualquer destas hipóteses, ambas satisfatórias, mas cuja aplicação exacta não pode rigorosamente saber-se qual seja.

A mumificação pelo magnetismo — A «*Psychica*» insere um artigo muito interessante de Pepin expondo notáveis experiências em que a intervenção do fluido magnético conduziu à conservação intacta de matérias putrescíveis, como sejam fragmentos de cadáveres de animais.

O sr. Jules Gaillard tem apresentado vários especimens de mumificações obtidas pela acção do fluido magnético e o autor deste artigo põe em paralelo duas teses opostas para explicar esse fenómeno; a do sr. Gaillard, que o faz depender exclusivamente do fluido magnético e a do sr. Dumont-Lespine que, sem negar o fluido magnético, supõe que as mumificações dependem exclusivamente das condições do ar ambiente.

As mais interessantes experiências referidas são as que o autor fez com um fígado de frango, recentemente morto, que cortou ao meio, para comparar os resultados. Uma metade foi magnetizada com passes e imposições de mãos, repetindo durante 21 dias, a horas certas, e todos os dias, a magnetização por igual espaço de tempo, o que levou à sua mumificação, ao passo que a outra metade entrou em deliquescência a partir do 6.º dia e apodreceu rapidamente.

Com as coxas dum coelho, morto propositadamente, procedeu o autor à mesma operação durante 35 dias, à razão de meia hora por dia, tendo os resultados sido idênticos, isto é, a coxa magnetizada conservou-se e pergaminhou-se e a outra decompôs-se.

O que é mais extraordinário é que, quando em experiências semelhantes o operador era um individuo fracamente dotado de fluido magnético, como o indicava o girador biótrico de Tromelin, os resultados eram idênticos, isto é, o fragmento testemunha e o fragmento tratado apodreciam igualmente.

O autor chega, como resultado das suas experiências, às seguintes conclusões:

«Que o fluido magnético tem uma acção realmente muito nítida na conservação de matérias putrescíveis — sem todavia negar a do ar seco e quente — e que êle pode por si só anular completamente os estragos microbianos, permitindo fazer supôr que o segredo dos antigos embalsamadores do Egipto se reduziria, afinal, ao seu emprêgo duma maneira rápida e enérgica».

PEDRO CARDIA

Havendo falta dos números 1 e 3 desta Revista referentes ao ano de 1927, para completar colecções, comprem-se na nossa redacção aqueles números.

4.º Congresso Espírita Algarvio

Com grande solenidade realizou-se, em Faro, no dia 28 de Outubro findo, êste importante Congresso regional que os nossos dedicados confrades do Algarve souberam revestir de notável brilhantismo, vencendo enormes dificuldades, e a que a Federação Espírita Portuguesa prestou o seu valioso concurso.

A Reunião Magna teve lugar às 16 horas, na sede do grupo espírita «Luz, Caridade e Protecção», donde havia partido a iniciativa do Congresso e que muito contribuiu para o seu feliz êxito, assim como o grupo espírita «Fé e Caridade», também de Faro.

Os espíritas de várias terras do Algarve, como, Olhão, Estoi, S. Braz de Alportel, Lagoa, Silves e Vila Real de Santo António fizeram-se representar por delegados que muito contribuíram para o brilhantismo do Congresso. A presidência foi confiada à nossa ilustre e dedicada confrade, sr.^a D. Maria O'Neill, como delegado e representante da F. E. P., tendo sido secretariada pelos nossos dedicados confrades, srs. Eduardo da Conceição Lopes e Aníbal Severiano dos Reis.

Antes de se iniciarem os trabalhos, foi lida a mensagem da F. E. P. aos espíritas algarvios, que impressionou e comoveu profundamente os congressistas, determinando lisongeiros comentários e sinceras homenagens à obra gigantesca que a Federação está realizando. A sr.^a D. Maria O'Neill, abrindo a sessão, fez um breve mas elegante discurso, terminando por invocar o auxílio dos Espíritas guias e tutelares da União Espírita Algarvia, para que o Congresso decorresse na máxima ordem e elevação espiritual, marcando uma nova fase de intensa e fecunda actividade e perfeita união, conjugando todos os esforços individuais numa resultante única, sem perda de energias e exemplificando a fraternidade cristã.

Após uma concentração mental, foram iniciados os trabalhos, discutindo-se interessantes teses e tratando-se dos problemas vitais da União Espírita Algarvia e de outros assuntos respeitantes à propaganda do espiritismo, sempre na melhor harmonia e com os mais elevados propósitos. Finalmente procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes da União Espírita Algarvia que ficaram assim constituídos:

PRESIDENTE — José Jacinto Padre Júnior

VICE-PRESIDENTE — João António da Silva

TESOUREIRO — José da Conceição Mascarenhas

SECRETÁRIO — Francisco de Paula Bomba

SUPLENTES — Manuel Antunes Vaz Palma, José Gonçalves Marreiros e Ernesto Barracoso

VOGAIS CONSULTORES — D. Rita Sousa Pádua e José Francisco Cabrita.

Quereis fazer ímpios e hipócritas? Mostrai-vos intolerantes. — CHATEAUBRIAND.

Não devemos perseguir aqueles que Deus tolera. — S. AGOSTINHO.

NOTICIÁRIO

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Os nossos mais dedicados confrades da Província, compreendendo a alta importância destas Comissões para unificar e intensificar a nossa propaganda, tem trabalhado activamente para a sua constituição. E' com subido prazer que registamos hoje a constituição de mais três Comissões Federativas que ficaram assim constituídas:

Estoi — Francisco de Sousa Eusébio, presidente; D. Maria Guiomar Vieira, vice-presidente; José Máximo de Sousa, secretário; D. Damásia de Jesus Nobre Soares, D. Guilhermina do Carmo Sousa, David de Brito, Joaquim de Jesus Zeferino, vogais.

Seixal — António Júlio Monteiro, presidente; João Maria Gato, vice-presidente; Amadeu Alves Diniz, secretário; Joaquim M. da Fonseca, Celestino Guimarães, vogais.

Sabóia — Joaquim Reis Varela, presidente; Jaime Ribeiro, vice-presidente; José Jacinto da Silva, secretário.

Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P. — Na sede da Federação Espírita Portuguesa tem-se realizado reuniões semanais bastante concorridas, alternando as conferências doutrinárias com sessões experimentais que tem despertado o mais vivo interesse na assistência, manifestando-se Entidades duma elevada hierarquia, que deslumbram todos com as suas prélicas deliciosas.

Setembro :

Dia 2 — Sob a presidência do sr. Engenheiro Angelo Sarrea de Sousa Prado, realizaram-se as seguintes conferências: «*O Valor da Confraternização*» — D. Maria O'Neill; «*O movimento espiritista português*» — Dr. António J. Freire.

Dia 9 — Sob a presidência do sr. Comandante Aniceto Xavier Horta, realizou-se a conferência: «*O Aspecto Social do Espiritismo*» — D. Maria O'Neill.

Dia 16 — Sob a presidência do sr. Ayres Vaz Raposo, realizou-se a conferência: «*Lei Moral*». — António L. Vilela.

Dia 23 — Sob a presidência da senhora D. Maria O'Neill, realizou-se a conferência: «*O Experimentalismo Espírita*» — Pedro Carreira Dias de Sousa.

Dia 30 — Sob a presidência do sr. Capitão Arnaldo Gomes Duarte, realizaram-se diálogos filosóficos entre a senhora D. Maria O'Neill e o sr. Dr. António J. Freire, tomando para tema: «*Os fenómenos psíquicos*».

Outubro :

Dia 7 — Sessão Experimental. Director, D. Maria O'Neill; médium, José Pereira de Lima.

Dia 14 — Sob a presidência do sr. Coronel José Augusto Faure da Rosa realizaram-se diálogos filosóficos entre a senhora D. Maria O'Neill e o Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa, tomando para tema: «*O Karma*».

Dia 21 — Sessão experimental. Director, Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa; médium, José Pereira de Lima.

Dia 28 — Sob a presidência da senhora D. Amélia Ferreira Grilo realizou-se a conferência: «*Os pensamentos de hoje constroem a vida de amanhã*» -- António L. Vilela.

Propaganda espiritista — Deve partir em Dezembro para o Pôrto, Coimbra e Figueira da Foz o nosso Confrade sr. Dr. António J. Freire, a-fim-de fazer naquelas cidades algumas conferências públicas sobre Espiritismo e Metapsíquica.

Revista de Espiritismo — A falta de espaço com que temos lutado, tem-nos impedido de transcrever muitas apreciações, duma cativante gentileza, com que a imprensa nacional e estrangeira se refere a esta Revista em termos que profundamente nos desvanecem, incitando-nos a prosseguir no caminho encetado.

Endereçando à Federação Espírita Brasileira os nossos fraternais e muito affectuosos agradecimentos, transcrevemos do «*Reformador*», de 16 de Setembro do ano findo, o seguinte :

«*Se motivos de força maior nos não houvessem impellido a cometê-la, certo não estaríamos em falta com os nossos muito prezados irmãos da Federação Espírita Portuguesa, como estamos, pelo termos deixado até hoje de noticiar o aparecimento da Revista de Espiritismo, órgão daquela Federação, cujos três primeiros números, correspondentes ao primeiro semestre deste ano, pois que, ela se publica de dois em dois meses, nos hão chegado às mãos com perfeita regularidade.*

Confiantes em que elles bondosamente nos relevarão essa falta, aqui lhes apresentamos hoje, de par com os nossos agradecimentos pelo envio pontual da colega de além-mar, felicitações muitas, pelo cunho que lograram dar á Revista de Espiritismo, dela fazendo uma das mais apreciáveis e importantes publicações espiritas, não só entre as que se editam em todos os países.

Redigida, desde a primeira á última página com grande elevação de vistas e saliente apuro de linguagem, a Revista de Espiritismo, em que colaboram escritores realmente versados nos assuntos que ventillam e cujos artigos ou estudos se apresentam, por isso, de leitura tão atraente quão proveltoza, reflecte bem o pensamento da instituição de que é órgão e á qual cabe, em face do próprio objectivo com que se fundou, o papel de guia e orientadora das demais associações que em tórno dela moirejam lavrando a mesma seara.

Tanto quanto á Federação que a alimenta com a sua seiva, vida longa e próspera, assinalada constantemente por feitos que aumentem o fulgor e o prestígio da Doutrina a cujo serviço veio collocar-se, desejamos fraterna e sinceramente á Revista de Espiritismo ».

O Mensageiro Espírita — Agradecendo aos nossos ilustres colegas da imprensa as amáveis referências feitas a esta nova publicação da F. E. P., transcrevemos algumas apreciações:

De «Luz e Caridade» — Braga:

«Editado pela Federação Espírita Portuguesa, acaba de sair o primeiro número deste jornal, de distribuição gratuita aos sócios daquela Federação. De colaboração escolhida é bom augúrio para a longa vida que lhe desejamos.

«O Mensageiro Espírita», jornal popular de propaganda moralizadora veio numa época em que todo o esforço é pouco para conter os desmandos e a onda avassaladora de crimes que está invadindo a terra portuguesa. Bemvindo, pois, seja ele, e que Deus lhe permita o mais belo triunfo, é o nosso sincero desejo.»

De «Voz do Além» — Beja:

«Mais um jornal, «O Mensageiro Espírita», acaba de ser editado pela Federação Espírita Portuguesa, destinado à propaganda e desifusão da nossa Causa.

É este novo colega dirigido superiormente pela nossa ilustre Confrade Dr.^a Amélia Cardia que mais uma vez e por esta forma, mostra a sua dedicação e Amor pelo nosso Ideal.

A Federação Espírita Portuguesa endereçamos as nossas felicitações por mais este esforço.»

De «Sol do Porvir» — Leiria:

«A Federação Espírita Portuguesa, no intuito de desenvolver cada vez mais a sua acção e propaganda, acaba de fazer sair a público um jornal defensor da causa espírita a que deu o título que nos serve de epigrafe, e que sob a direcção da sua consócia dr.^a D. Amélia Cardia, aos sócios da F. E. P. será distribuído gratuita e bi-mestralmente.

Apresenta-se o primeiro número do novo periódico com uma escolhida e inteligente colaboração e um belo aspecto gráfico; por isso nada nos surpreende o bom acolhimento que teve, não só por parte dos associados daquela agremiação, mas também por todos aqueles à mão de quem foi ter.

Desejando longa vida e as maiores venturas, o «Sol do Porvir» — gostosamente vai estabelecer permuta com este novo órgão da imprensa espírita portuguesa.»

De «O Futuro» — Lisboa:

«Temos presente o primeiro número de um novo jornal com este título, publicado pela Federação Espírita Portuguesa para ser distribuído gratuitamente aos seus sócios.

Dirige-o a sr.^a dr.^a D. Amélia Cardia, prova bastante de que se trata de um brilhante periódico. Apresentamos ao novo confrade as mais fraternais saudações, com sinceros votos de longa e próspera existência.»

Conferências de propagação — Aproveitando a sua ida ao Algarve para tomar parte, como Delegado da F. E. P., ao 4.^o Congresso Espírita Algarvio, a sr.^a D. Maria O'Neill realizou conferências em várias terras do sul do país, tanto no Algarve como no Alentejo, que decorreram com notável brilhantismo, tendo-se ocupado delas, desenvolvadamente, a imprensa local.

Esta nossa dedicada Confrade regressou a Lisboa bastante fatigada desta viagem de propaganda exaustiva, como se pode avaliar pelo seguinte programa:

Dia 28 de Outubro — Faro: «O Valor do Espiritismo».

Dia 29 de Outubro — Olhão: «O Espiritismo e a Alma Humana».

Dia 30 de Outubro — Faro: «A Educação da Criança à luz do Espiritismo».

Dia 31 de Outubro — Lagos: «Neo-Espiritualismo».

Dia 1 de Novembro (tarde) — Portimão: «A Religião à luz do Espiritismo».

Dia 1 de Novembro (noite) — Silves: «Desenvolvimento de médiuns».

Dia 2 de Novembro — Beja: «O Caminho do Espírita».

Dia 4 de Novembro — Beja: «A Sobrevivência da alma comprovada pelo Espiritismo».

— Transcrevemos algumas apreciações da imprensa local:

De «Correio do Sul» (4-11-928) — Faro:

«No Cine-Teatro realizou a sr.^a D. Maria O'Neill duas conferências públicas em 28 e 30 do mês findo, que foram extraordinariamente concorridas.

A sr.^a D. Maria O'Neill dissertou sobre espiritismo na primeira conferência, e acerca da educação da criança, na segunda. Foi calorosamente ovacionada.»

De «O Algarve» (4-11-928) — Faro:

«Realizaram-se as anunciadas conferências sobre espiritismo, da sr.^a D. Maria O'Neill. Não assistimos à última, mas gostámos da primeira.

A ilustre conferente que há muitos anos cultiva com brilho as letras, revelou-se-nos uma oradora fluente de uma eloquência agradável e brilhante. Nada de novo disse sobre o espiritismo e aí teve talvez a maior dificuldade da sua oração, que tinha de suplantar pelo brilho da exposição, o que lhe faltava de novidade. Mas foi uma bela lição de moral espiritualista, que os espectadores aplaudiram com entusiasmo.

Na segunda conferência, o teatro teve uma grande enchente e a sr.^a D. Maria O'Neill foi muito aplaudida.»

De «Correio Olhanense» (1-11-928) — Olhão:

«No Salão Apolo realizou-se na passada segunda-feira, perante uma enorme assistência de público de ambos os sexos e de todas as classes sociais e sob a presidência de honra da Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Santos de Almeida Estréla a anunciada conferência da ilustre escritora e propagandista D. Maria O'Neill subordinada ao tema O Espiritismo e a Alma Humana.

Fazendo, a pedido duma comissão espírita que o procurou para esse fim, a apresentação da conferente, o nosso colaborador, sr. Dr. F. F. Lopes declarou mais que não era adepto do espiritismo, como de doutrina alguma religiosa, mas se encontrava, — e de cada vez mais — em atitude de liberdade de espírito, aberto

imparcialmente ao conhecimento, estudo e apreciação de quaisquer doutrinas dignas de interesse; e que nestas condições se encontrava ali. Sendo a conferente uma senhora de renome e de créditos firmados no meio literário e social português, estranhava a acentuada ausência de senhoras da nossa primeira sociedade; julga porém, (ao que ouviu) que o facto se relacionaria com o desmedido pavor de possível excomunhão por parte da Igreja Católica; excomunhão que, de resto, não compreende porque razão se não tornaria extensiva de preferência aos homens; e ali via, êle, vários católicos reconhecidamente praticantes entre a assistência. Notou que efectivamente a Igreja condena o espiritismo e não pode deixar de o fazer, porque a metafísica do espiritismo se não coaduna, de facto, com a doutrina católica, em muitos pontos, por exemplo, conforme explicou, quanto à origem das almas e à faculdade de comunicação com os mortos. E não tendo vindo senão para apresentar a ilustre conferente, declarou que termina dando-lhe a palavra.

Começa a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill a sua interessante conferência, agradecendo as palavras do sr. Dr. Lopes e marcando por forma sugestiva a distinção entre a religião — considerada como formalismo estéril, e a religião — sentimento vivo e activo. Pouco lhe importa que se tenha ou não Deus na intelligência se êle está no coração. E seria esse o caso do sr. Dr. Lopes. O espiritismo é precisamente uma crença à qual são indiferentes as subtilidades de concepção duma realidade que é a mesma para todos, materialistas ou católicos, sob qualquer forma que seja. Que importa definir o espirito como sublimidade da matéria? Materialistas, católicos, espiritas, todos êles, sob formas diversas, enunciam as mesmas verdades, as mesmas realidades de experiência: a realidade de Deus, a existência da alma imortal.

O espiritismo não combate a religião católica como não combate o materialismo científico. Não! Paira acima de todas as religiões e sistemas filosóficos. E onde o materialismo mostra desconhecimento e onde o catolicismo afirma mistério, impenetrável à razão, o espiritismo tenta completá-las por meio duma nova síntese, superior, ao mesmo tempo experimental e racional. Neste sentido a doutrina espirita, com os seus postulados fundamentais e as suas leis tiradas do estudo da realidade do mundo e da natureza humana, transcende todas as doutrinas das religiões positivas como dos filósofos científicos, e constitui uma doutrina da mais irrecusável verdade e da mais flagrante actualidade, como do futuro o mais garantido: a nova Doutrina, o novo Evangelho da Humanidade. E' pois ridi-

culo e estulto propalar que o espiritismo é escola de loucura, quando o espiritismo é fonte de luz para a intelligência, fonte de consolação para a alma, fonte da energia generosa e fecunda para a actividade moral.

Ela, conferente, é cristã, é crente. E não sente a sua crença diminuída, não sente o seu fervor religioso apoucado com o facto de ser espirita. Pelo contrário, a sua intelligência recebe luz, da doutrina espirita, em pontos, como por exemplo o mistério da Santíssima Trindade, onde dantes só para ela havia um absurdo a acreditar; a sua alma não se mumifica, não se seca no culto das fórmulas, das práticas, das exterioridades estêreis, mas, pelo contrário, recebe, da doutrina espirita, luz e vida verdadeira para a prática do Bem.

O espiritismo trata o grande problema do Mal, pela maneira mais elevada e mais radical: desprezando-o, negando-o, fazendo de conta que êle não existe, rebaixando-o à categoria infima de coisa que não merece importância alguma. E não era de outra forma que o sublime Jesus Cristo o tratava... Não tenhamos pois olhos para ver o Mal, e o Mal deixará de existir para nós. Abram-se apenas os nossos olhos para ver o Bem, abra-se apenas a nossa vontade para querer e praticar o Bem. E' isto o que a doutrina espirita ensina. Se a doutrina espirita fôsse compreendida e praticada pela humanidade, a paz — o reino de Deus — reinaria sobre a terra. Porque o espiritismo, ao contrário das religiões positivas, não usa processos violentos de se impôr às consciências, de violentar ou oprimir o pensamento livre. Não. O Espiritismo faz apêlo simplesmente à razão científica, ao pensamento livre, ao sentimento sincero, e espera que a cada um chegue a sua hora de conhecer a Verdade, adoptá-la, praticá-la e propagá-la por palavras e obras, prestando serviço aos seus irmãos ainda em trevas. O espiritismo não prêga o crê ou morres. Não. O espiritismo não fecha os espíritos: abre-os. Dá, a quem não conhece, a Boa-Nova, pede atenção sincera para ela e espera que o tempo e o esforço pessoal façam o resto. O espiritismo não visa a fazer convertidos: visa a ser, para todo o homem normalmente constituído e que não tenha a illusória vaidade de supôr que conhece já todo o infinito desconhecido que tem dentro de si, a doutrina que lhe servirá de esclarecimento e de guia nesta passagem pela vida, conforme o destino que Deus lhe deu.

E' pois o espiritismo uma doutrina de luz e de verdadeira vida — a doutrina incontestavelmente, a única verdadeira por essência, — a doutrina futura da Humanidade, a doutrina que difere de todas as que colocam Deus nos altares, e as trans-

cende, porque coloca Deus no coração. Não é pois o espiritismo pelo lado filosófico e moral uma quimera nem uma loucura, como pelo lado scientifico não é uma fantasmagoria. Os factos em que o espiritismo se funda, como mais salientes, para comprovação das verdades transcendentes, que afirma, não são fantasias. São todos uma nova categoria de factos que vem enriquecer a Siência. Certamente há abusos, há erros, há pseudo-factos. Mas isso, de certo, só abona a realidade dos verdadeiros factos, dos célebres fenómenos espiritas.

Poderia ela conferente citar inúmeros factos, contar inúmeras histórias de factos. Contará apenas uma. E narra o caso autêntico de uma senhora que perdera toda a energia moral, se tornara descrente de Deus, da religião católica, e da imortalidade da alma e da realidade do seu destino, e que pela evocação do espirito dum seu irmão, espirito que ela identificou pelo processo infalível da revelação dum segredo intimo só conhecido de ambos — novamente voltou à crença e por ela readquiriu a coragem perdida para a sua missão neste mundo.

O espiritismo é, como se vê, escola de regeneração moral, bálsamo e fonte de energia para a alma. O espiritismo combate o suicidio, e combate-o como tantos outros vícios, não pelo gratuito pavor do fiticio Inferno, mas pelo conhecimento directo que se pode ter dos horrores que sofrem no Além os suicidas e todos os que praticam o mal. Não são fantasias ao sabor das conveniências deste mundo os preceitos morais aos olhos de quem os quiser ver, desde que, por meio dos processos que a sciência dessas realidades indica, se queira desde esta vida levantar o véu que nos encobre o mundo de Além-túmulo.

O espiritismo só visa pois a dar a todos e a cada um o conhecimento verdadeiro do seu verdadeiro destino, não por meio de uma revelação divina que teria de ser aceite como um dogma, mas por meio duma experiência scientifica da realidade oculta, experiência que pode ser dada na revelação que a cada um pode fazer-se, mediante os processos adequados da comunicação com o mundo dos espiritos. Por esta revelação directa, por esta experiência pessoal, cada um pode — se o quiser — verificar a verdade da doutrina espirita. Mas, evidentemente, dela não carecem todos aqueles que, por qualquer forma, foram já levados a acreditar nessa verdade. E os que acreditam nela, a menos que sejam insensatos, não poderão deixar de regular-se por essa verdade, tornando-se melhores, amando verdadeiramente, do coração, Deus e o seu próximo, e contribuindo assim para a sua perfeição e verdadeira recompensa, como

para a paz do mundo, para o advento do reino de Deus sobre a terra.

No final, a illustre conferente que fôra escutada sempre com o mais vivo interesse, recebeu de toda a assistência uma prolongada e entusiástica salva de palmas.»

Metapsíquica e Espiritismo — O nosso Confrade, sr. Pedro Cardia, Secretário Geral da F. E. P., fará todas as quinta-feiras, às vinte e uma horas, na sede da Federação Espirita Portuguesa, de Dezembro em diante, palestras sobre os assuntos de mais actualidade referentes ao Espiritismo e à Metapsíquica.

2.º Congresso Espirita Português — O Conselho Superior Deliberativo da F. E. P., na sua próxima reunião, ocupar-se-há da realização deste Congresso, que, segundo os estatutos, deve ter lugar até ao fim da actual gerência.

Será nomeada a sua Comissão Organizadora que marcará, dentro do ano de 1929, a data mais conveniente para que o Congresso possa ser bastante concorrido e decorrer com brilhantismo.

Participações — O Ramo Teosófico Leadbeater, de Lagos, inaugurou a sua nova sede em 30 de Outubro findo. Agradecendo a gentil deferência da comunicação que nos fez, enviamos-lhe as nossas fraternais saudações, fazendo sinceros votos a Deus pelas suas prosperidades espirituais.

O Espiritismo no Brasil — A Direcção da Federação Espirita Brasileira aumentou ao efectivo das associações federadas o Centro Espirita «Nova Era» com sede em Guaxupé, Minas Gerais, que lhe havia dirigido o pedido de filiação e foi aceite, tomando o número de ordem 106. Este Centro, numa digna compreensão dos seus deveres de fraternidade e da alta importância para a Causa, duma perfeita organização federativa, assim se exprimiu, segundo refere o nosso illustre colega «Reformador»:

«Somos dos que reconhecem ao sistema federativo as importantes finalidades que colimam o conagraamento da familia espirita, actuando dentro dum programa harmonioso e fraterno. E' sem dúvida pela centralização de forças e união de vistas de todas as Sociedades espiritas, cuja acção em prol da propaganda doutrinária seja uniforme, que a Doutrina Espirita alcançará o seu verdadeiro triunfo. Não estará, por certo, muito longe esse dia em que a veremos aceite por todos os povos que, em grande parte, ainda a repudiam e perseguem. Assim, embora tardiamente, vimos, com toda a sinceridade dos nossos sentimentos, trazer o nosso fraco apoio à obra do regimen federativo, para que o seu progresso seja cada vez maior».

— A União Espirita da Torre sustenta, há quatro anos, uma escola de instrução primária, com numerosos alunos pobres, de ambos os sexos, a quem fornece, gratuitamente, todo o material escolar. Agora, a referida associação, está organisando uma bi-

biblioteca infantil para ser freqüentada pelas crianças, nos domingos e dias feriados.

— O devotado espirita sr. Francisco Alves da Silva ofereceu, ao *Centro «União e Caridade»*, de Araruama, um terreno situado numa das principais ruas daquela cidade para construção da sede própria dêsse Centro.

— O *Centro Espirita «Solon de Lucena»*, de Parahyba, inaugurou, a 3 de Setembro findo, em sua sede, uma escola mista, sob o nome de Escola «José do Patrocínio» para instrução gratuita da infância pobre. Também últimamente, êste centro enviou o seu pedido de filiação à mui digna Federação Espirita Brasileira, que foi deferido.

— O *Centro «Anibal Cardoso»* de Maceió (Alagoas), também pediu para ingressar no seio da prestigiosa F. E. B., tendo sido deferido o seu pedido.

— Constituiu-se no Rio de Janeiro uma Associação Espirita Italiana que está instalada, provisoriamente, na sede da F. E. B. — Avenida Passos, 28.

— O *Grupo «União Espirita»*, de Maceió (Alagoas), filiado na F. E. B., comemorou o seu 19.º aniversário com uma sessão solene em que se fizeram representar vários grupos espiritas.

○ Espiritismo em Espanha — A *Comissão de Estudos* da F. E. E. está organizando cursos de cultura científica dedicados, especialmente, à juventude dos centros federados, como introdução ao estudo científico do Espiritismo. O primeiro curso a funcionar será o de *Anatomia e Fisiologia* a cargo do Dr. Turó, cujo principal objectivo consiste em preparar a mocidade e todos os sócios que o desejem, para conhecerem o mecanismo dos fenómenos hipno-magnéticos. Vê-se bem como é esclarecida e elevada esta orientação, pois serve de base sólida a um estudo consciencioso dos fenómenos supranormais, muito contribuindo para valorizar o Espiritismo, que tantas vezes anda confundido com práticas supersticiosas por algumas pessoas que se dizem seus adeptos, mas não estão preparadas para o compreenderem.

— O nosso querido amigo e ilustre confrade espanhol, D. Quintín López Gómez, que ultimamente foi forçado a guardar o leito por se terem agravado os seus padecimentos, tem experimentado sensíveis melhoras. Fazemos sinceros e ardentes votos pelo seu breve e completo restabelecimento.

— Com grande solenidade e notável concorrência realizou-se, em Sabadell, a Assembleia Geral da F. E. E.. Foi uma brilhante parada de fôrças em que a ilustre Direcção da F. E. E. foi justamente homenageada pelo espirito de sacrificio e superior critério com que tem dirigido aquela prestigiosa Federação. A Assembleia Geral votou a reeleição dos corpos gerentes da F. E. P. que continuam assim constituídos:

Presidente, prof. Asmara; 1.º vice-presidente, Manuel López Sanromán; 2.º vice-

presidente, Fernando Corchon Arquer; secretário geral, Juan Torras Serra; tesoureiro, José Soler Castañero; contador, Narciso Tatché; director da Revista, Salvador Vendrell Xuclá; administrador da Revista, Juan Torras Serra.

— A F. E. E., por proposta do seu ilustre presidente, vai pedir ao eminente professor Ernesto Bozzano para organizar o «*Libro do Espiritismo*» em que se achem compendiados todos os conhecimentos sôbre Espiritismo e para o qual colaborem todas as Federações, todos os Centros e espiritas idóneos.

○ Espiritismo em Inglaterra — O insigne pioneiro do Espiritismo, Sir Artur Conan Doyle, a quem a «*Revista de Espiritismo*» deve um precioso e extenso autógrafa em resposta ao seu «*Inquérito*», não podendo, por motivos de saúde, suportar durante o inverno o clima de Londres, resolveu partir para um país onde se fale o inglês, para continuar a sua intensa propaganda espiritista por meio de conferências. Tendo escolhido a Africa do Sul para sua residência durante o inverno, saiu de Londres com êsse destino, em meados de Outubro findo. Os espiritas ingleses ofereceram-lhe um *lunch* de despedida no «*Holborn Restaurant*» tendo decorrido com grande brilhantismo esta festa de confraternização.

○ Espiritismo em França — O sr. André Ripert, ilustre Secretário Geral da *Union Spirite Française* realizou, em Outubro findo, na *Maison des Spirites*, uma notável conferência subordinada ao tema «*O Espiritismo e o Congresso de Londres*».

— O nosso dedicado confrade sr. Jean Meyer, a quem o espiritismo deve uma inteligente e abnegada acção de propaganda, dispôs a favor da propaganda do Espiritismo, do rendimento duma vasta propriedade, no sul de França, o qual se avalia em mais de um milhão de francos anuais.

○ Espiritismo na Argentina — A *Confederación Espiritista Argentina* de que é órgão oficial a importante revista «*La Idea*» instalou, na sua sede, um posto emissor de telefonia sem fios, emitindo conferências doutrinárias, recitações, monólogos e audições musicais. Os Centros federados, com um simples aparelho receptor, podem ouvir todas as conferências realizadas na sede da sua Federação pelos espiritas mais categorizados.

— Na *Sociedade Espirita «Constância»* realizam-se, semanalmente, conferências públicas de propaganda espirita, sempre com numerosa e selecta assistência.

Noticias diversas — Estão-se tentando importantes experiências de telepatia entre Paris e Atenas, respectivamente sob a direcção dos srs. Warcollier e Tanagras.

— Faleceu na Polónia o célebre médium

Jean Guzik que prestou provas 'no Instituto Metapsíquico Internacional, sob a direcção do falecido Dr. Geley e perante os mais eminentes metapsiquistas, dando origem a várias materializações de animais, tendo sido algumas delas fotografadas e encontrando-se reproduzidas em várias obras de metapsíquica.

— Foi concedido ao sr. Gabriel Gobron, erudito espirita francês, o prémio literário da Sociedade *Erckman-Chatrion*.

— Mais uma vez se reuniram, no observatório de Juvisy, em três de Junho último, os amigos e admiradores de Camilo Flammarion, na data da sua desencarnação, para lhe fazerem sentir, telepaticamente, a sua estima e lhe manifestarem a sua viva saudade. A cerimónia revestiu uma solenidade impressionante, tendo o actual Presidente da Sociedade Astronómica de França, pronunciado um comovente discurso.

— A Comissão de Estudos de Fotografia

Transcendental conferiu o prémio de 1500 frs. à Escola Psíquica dirigida por M.me Oudot, tendo como médium M.me Picquart. A M.me Bernard de Pilsen, Tchecoslováquia, conferiu um diploma. A M.me Luce Vidi, premiou com 300 frs. e um diploma, pelas suas admiráveis faculdades de clarividência. Estão sendo comparadas muitas fotografias transcendentais de espíritos identificados, com as que haviam deixado antes da sua desencarnação.

— O engenheiro Roberto Esmault Peltérie, julgando possível comunicar com os outros planetas, instituiu um prémio anual de 5000 frs. para ser entregue pela Sociedade Astronómica de França a quem conseguir obter comunicações interplanetárias, problema êsse que muito tem interessado altas mentalidades e ao qual dedica, há longos anos, uma acurada atenção um confrade português. O grande médium Luis Bellotti julga ter obtido comunicações de Marte, como se lê no «*Veltro e Luce*».

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para construção de edificio próprio)

Dr. António J. Freire, Lisboa—5.000\$00; Pedro Cardia, Lisboa—1.000\$00; Policarpo Salvador de Almeida, Lisboa—1.000\$00; Joaquim T. Segurado Faria, Moura—500\$00; F. M.—300\$00; Comandante Pedro Ferreira Dias de Sousa, Lisboa—300\$00; A. G., Lisboa—300\$00; Jaime Augusto de Moraes, Lisboa—300\$00; D. Maria E. Carvalho Gonçalves, Lisboa—200\$00; Alvaro Coelho dos Santos Mineiro, Santarém—200\$00; Carlos J. C. Carinha, Lisboa—120\$00; D. Maria Perpétua da Costa Carinha, Lisboa—120\$00; Artur Nobre, Lisboa—120\$00; M. R. R. C., Lisboa—120\$00; D. Rosa Pereira, Lisboa—100\$00; Coronel José Faure da Rosa, Lisboa—100\$00; B. O. C., Pôrto—130\$00; P. V., Lisboa—100\$00; D. Maria Luísa Zagalo Fernandes, Dafundo—100\$00; D. Maria da Piedade Mendes, Lisboa—100\$00; António Lopes Júnior, Lisboa—100\$00; A. Bernardo das Tôrres Baptista, Lisboa—100\$00; João Jacinto, Lisboa—100\$00; D. Raquel Pereira Jacinto, Lisboa—100\$00; J. A. L., Lisboa—100\$00; Sebastião Eduardo Maldonado Centeno, Lisboa—100\$00; António Castanheira de Moura, Lisboa—100\$00; J. C. A. A., Lisboa—100\$00; Capitão Arnaldo Gomes Duarte, Lisboa—100\$00; R. Pereira Duarte, Lisboa—100\$00; F. B., Lisboa—100\$00; Francisco França, Lisboa—100\$00; João David Braz, Lisboa—100\$00; José Maria de Abreu, Lisboa—100\$00; Manuel Ferreira, Lisboa—80\$00; Augusto Valdez, Lisboa—60\$00; Sebastião Ribeiro, Lisboa—60\$00; Pedro Dias de Sousa, Lisboa—60\$00; José Luís Pereira, Lisboa—60\$00; Alvaro Loureiro, Lisboa—60\$00; Emidio Nogueira Trindade, Lisboa—60\$00; D. Maria da Piedade Bastos, Lisboa—60\$00; Silvino Luís Gama, Lisboa—50\$00; C. C., Lisboa—50\$00; Amílcar Queiroz, Lisboa—50\$00; C. L., Lisboa—50\$00; C. L., Lisboa—50\$00; A. Fortunato de Albuquerque, Lisboa—50\$00; Laurina Braga Calheiros, Lisboa—50\$00.—Total—12.460\$00.

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Setembro e Outubro

D. Maria E. Gonçalves, Lisboa—13\$00; P. C.—37\$00; P. J. C.—100\$00; Firmino de Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim—400\$00; João Maria da Cunha, Lisboa—20\$00; Paulino J. Pereira Cardoso, Viseu—5\$00; Alexandre Nascimento, Angola—5\$00; José de Campos, Oliveira do Hospital—20\$00; R. Pinho, Pôrto—1\$00; Teófilo Graça de Oliveira, Vila Verde de Ficalho—55\$00; António J. Fonseca Oliveira, Rio de Janeiro—1.800\$00; N. S. J. C., Lisboa—100\$00; Pedro Cardia, Lisboa—220\$00; Oriente, Lisboa—5\$00; Lino de Oliveira, Lisboa—4\$00; I. V. C., Estoril—200\$00.

INDICE

JANEIRO - FEVEREIRO

Do Espiritismo (<i>Considerações gerais</i>) — <i>Dr. António J. Freire</i>	3
A Substância — <i>Dr. Martins Velho</i>	11
Ascese Evolucionista — <i>A. de Freitas e Silva</i>	13
¡Pruebas, pruebas! — I — <i>D. Quintin López</i>	18
Domínio mental — <i>J. Manique de Albuquerque</i>	19
Comissões Brasileiras Pró-Federação Espírita Portuguesa	20
Amar a Deus — <i>Dr.^a Amélia Cardia</i>	21
Quintin López Gómez; Zanelli Caldas	22
Razão de Selvagem — <i>Zanelli Caldas</i>	23
Sôbre o Problema do Mal — I — <i>António L. Vilela</i>	24
Crónica Estrangeira — (<i>Os Fenómenos metapsíquicos nos povos selvagens</i>) — <i>Pedro Cardia</i>	27
Depoimentos (<i>Pastoral do Bispo Brasileiro, D. Francisco Frederico</i>)	33
Noticiário	35

MARÇO - ABRIL

O Homem, árbitro do seu Destino — (<i>O Poder Mental e o Karma</i>) — <i>J. Manique de Albuquerque</i>	41
Prolegómenos Astrológicos — <i>Zanelli Caldas</i>	47
Experiências Metapsíquicas — I — <i>D. Madalena Frondoni Lacombe</i>	49
Naturismo — <i>Dr. Amílcar de Sousa</i>	51
O Simbolismo da Mitologia — <i>Fernand'Almiro</i>	52
Um caso inesperado de identificação espírita — <i>António L. Vilela</i>	55
A Alma Humana — (<i>Neo-psiquismo experimental</i>) — <i>Dr. António J. Freire</i>	57
Allan Kardec	62
Esclarecendo	64
Congresso Internacional de Espiritismo	73
Milagre e Acaso — <i>António L. Vilela</i>	77
Crónica Estrangeira (<i>Radiações Psíquicas</i>) — <i>Pedro Cardia</i>	78
Vozes do Além (<i>Comunicações medianímicas</i>)	82
Factos supranormais	85
Noticiário	87

MAIO - JUNHO

A Realidade do Espiritismo — <i>Pedro Cardia</i>	89
A Vida do Além — <i>Dr.^a Amélia Cardia</i>	98
Experiências Metapsíquicas — II — <i>D. Madalena Frondoni Lacombe</i>	103
A Alma Humana (<i>Neo-psiquismo experimental</i>) — VI — <i>Dr. António J. Freire</i>	105
Inquérito — I — <i>Depoimento de Sir Conan Doyle</i>	108
Crónica Estrangeira — <i>Pedro Cardia</i>	109
O Professor Hans Driesch — <i>A. Ripert</i>	113
Reflexões — <i>António L. Vilela</i>	118
Bibliografia — <i>Pedro Cardia</i>	119
Noticiário	121

JULHO-AGOSTO

O Ideal — <i>Dr. Amélia Cardia</i>	125
O que dá a Meditação — <i>D. Maria O'Neill</i>	130
A concepção da Morte — <i>Isidoro Duarte Santos</i>	131
Experiências Metapsíquicas (<i>Um Facto Espírita</i>) — III — <i>D. Madalena Frondoni Lacombe</i>	136
O Processo contra N. S. Jesus Cristo — <i>Sousa do Prado</i>	137
A Alma Humana (<i>Neo-psiquismo experimental</i>) — VII — <i>Dr. António J. Freire</i>	142
Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa	148
Sôbre o Problema do Mal — II — <i>António L. Vilela</i>	149
Inquérito — II — <i>Depoimento de Sir Oliver Lodge</i>	151
Crónica Estrangeira — <i>Pedro Cardia</i>	153
Congresso Espírita Internacional de Londres (<i>Programa</i>)	157
Noticiário	158

SETEMBRO-OUTUBRO

Do Berço ao Túmulo — <i>Dr.^a Amélia Cardia</i>	161
¡Pruebas, pruebas! — II — <i>D. Quintin López</i>	165
Livre Arbítrio — <i>Pedro Carreira de Sousa</i>	167
Experiências Metapsíquicas — IV — <i>D. Madalena Frondoni Lacombe</i>	169
O Sono e o Espírito — <i>Augusto Flores</i>	170
Neo-Espiritualistas e Pedreiros Livres — <i>Fernand'Almiro</i>	172
Um Facto Extravagante	176
Inquérito — III — <i>Depoimento de D. Quintin López</i>	177
Congresso Espírita Internacional — (<i>Relatório</i>)	181
Crónica Estrangeira — <i>Pedro Cardia</i>	187
Federação Espírita Portuguesa (<i>Proposta para construção da sede</i>)	192
Vozes do Além — (<i>Comunicações medianímicas</i>)	194
Bibliografia — <i>Pedro Cardia</i>	195
Noticiário	196

NOVEMBRO-DEZEMBRO

Sôbre o Pensamento — <i>António L. Vilela</i>	201
O Problema dos Sonhos — <i>Pedro Cardia</i>	219
Experiências Metapsíquicas (<i>Aparição duma Religiosa</i>) — V — <i>D. Madalena Frondoni Lacombe</i>	221
Inquérito — IV — <i>Depoimento do prof. Ernesto Bozzano</i>	223
Crónica Estrangeira — <i>Pedro Cardia</i>	228
4.º Congresso Espírita Algarvio	232
Noticiário	233

Aos nossos prezados assinantes pedimos a fineza de satisfazerem a importância das suas assinaturas, para o novo ano, com a possível brevidade, e de nos conseguirem novos assinantes. Esta Revista não tem carácter comercial, mas para manter os seus preços, em virtude do sensível aumento que sofreu o papel, precisa do concurso de todos. Só com grande número de assinantes poderemos manter e melhorar esta Revista.

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES

Edições Jean Meyer - Rue Copernic, 8 - PARIS

L'OCULTISME ET LA SCIENCE

CHARLES LANCELIN

Um vol. in-8 de 680 pág. 30 fr.

O autor de *L'Ame Humaine*, de *La Vie Posthume*, de *La Méthode de De-doublement Personnel* e doutras obras baseadas sôbre a psicologia experimental e na psico-fisiologia, dá hoje ao público uma obra muito importante que é um cerrado ataque à ciência oficial dos nossos dias, que prova ser inconsistente, porque se apoia unicamente na matéria irreal; — sem filosofia, porque não tem valor algum de conjunto, sendo todas as suas partes divergentes; sem sínteses, porque a ciência oficial não sabe como classificar todos os seus fragmentos dispersos; sem princípios, porque cada categoria de conhecimento procede de postulados errôneos; — enfim, sem orientação e sem consistência, porque os seus princípios básicos e directriz teem variado cem vezes nos últimos quatro séculos da sua existência, só admitindo as suas concepções pessoais e excluindo todos os fenómenos, os melhores constatados, que se oponham às suas leis preestabelecidas, por vezes, ilógicas.

A' face desta ciência feita de vaidade e *misoneismo*, o autor apresenta a doutrina hermética provida duma síntese monumental, baseada em princípios inabaláveis vinte vezes milenários, duma filosofia idealista, comportando elementos de conhecimento regeitados pelas academias.

O autor prova, à face das obras de Platão, Pitágoras, Plutarco, Ptolomeu de Alexandria, Plotino, Jamblico e de muitos outros iniciados, que a Sabedoria Antiga dos Grandes Mistérios tem guiado a Humanidade muito anteriormente à nascença da ciência moderna.

De «*La Revue Spirite*».

Uma refutação magistral de E.
Bozzano a René Sudre

A propos de l'Introduction à la Metapsychique Humaine

E. BOZZANO

Um volume de 260 pág. 10 fr.

Esta obra fará uma grande sensação nos meios espíritas, metapsiquistas e até profanos.

Este livro é uma réplica severa, mas justa, a uma obra de parti-pris, à qual faltava a imparcialidade, com a circunstância agravante de que M. R. Sudre serviu uma má causa por processos indesejáveis.

Nesta obra encontrarão os leitores a mais serena construção de pensamento em resposta ao espírito de seita científico, que, infelizmente, retarda o advento da Verdade na maior parte do mundo sábio.

Não nos parece possível que o adversário de M. E. Bozzano resista aos seus argumentos, iluminados pela lógica dos raciocínios.

Graças sejam dadas aos adversários do Espiritismo, pois forneceram ao brilhante e sábio autor espírita a oportunidade de fazer contrastar a verdade perante o êrro.

De «*La Revue Spirite*».

LIVROS RECOMENDADOS

(Originais e traduções portuguesas)

Lacombe (Madeleine Frondoni)		REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO (Os Quatro Evangelhos)	
O Segredo da Morte, br.	12\$00	Recebidos e coordenados por J. B. Roustaing. (4 vols.) br.	40\$00
Pelisser (D. José Amigó y)		Allan Kardec	
Roma e o Evangelho, br.	8\$00	A Prece, br.	1\$50
Rev. G. Vale Owen		O Que é o Espiritismo, br.	5\$00
A Vida Além do Véu, 1.º Livro, br.	6\$00	O Livro dos Espíritos, br.	7\$00
Aksakof (Alexander)		O Livro dos Médiuns, br.	7\$00
Um caso de desmaterialização parcial do corpo de um Médium, br.	12\$00	O Evangelho Segundo o Espiritismo, br.	7\$00
Animismo e Espiritismo, br.	20\$00	O Céu e o Inferno, br.	10\$00
Epes Sargent		Obras Póstumas, 7.ª edição, br.	10\$00
Bases Científicas do Espiritismo, br.	13\$00	A Génesis, 6.ª edição, br.	10\$00
Leopoldo Cirne		Léon Denis	
Doutrina e Prática do Espiritismo, (2 vols.) br.	30\$00	O Além e a Sobrevivência do Sér, br.	2\$00
Nogueira de Faria		O Porquê da Vida, br.	3\$50
O Trabalho dos Mortos, br.	16\$00	O Grande Enigma, br.	7\$00
Gibier (Dr. Paulo)		No Invisível, (Espiritismo e Mediumnidade) br.	10\$00
O Espiritismo, br.	12\$00	O Problema do Sér e do Destino, br.	10\$00
Vives (Miguel)		Joana d'Are, Médium, br.	10\$00
Gula Prático do Espirita, br.	3\$00	O Mundo Invisível e a Guerra, br.	7\$50
Fran Moniz		Cristianismo e Espiritismo, br.	8\$00
A' Luz da Razão, br.	12\$00	Oscar d'Argonnel	
Fernando de Lacerda		Não há morte, br.	6\$00
Do País da Luz - Primeiro, Segundo e Terceiro Vol. br., cada volume	8\$00	Arthur Conan Doyle	
Quarto volume, br.	9\$00	A Nova Revelação, br.	7\$00
Martins Velho (Dr. A. A.)		Max (Dr. Bezerra de Menezes)	
O Magnetismo, br.	4\$00	Espiritismo - Estudos Filosóficos, 3 vol. br.	15\$00
O Espiritismo Contemporâneo, br.	8\$00	Delanne (Gabriel)	
As Potências Ocultas do Homem	12\$00	A Evolução Anímica, br.	12\$50
		O Fenómeno Espirita, br.	12\$50
		A Alma é Imortal, br.	14\$00
		O Espiritismo ante a Ciência, br.	14\$00

TRABALHOS MEDIUMNICOS

Do Centro Espírita de Braga:

NOVAS ELUCIDAÇÕES do Quarto Evangelho, por João, o Evangelista. Broch.	4\$50
Enc. em percalina	8\$00

Todos estes livros se encontram à venda na

EMPRESA LITERÁRIA LUZ E CARIDADE
BOM JESUS - BRAGA

Remessa à cobrança, excepto para as Ilhas, Colónias e estrangeiro, que é feita sob pagamento adiantado.